



© Daniel Raposo

PROJETO CIÊNCIA CIDADÃ

Relatório do Censo nacional de periquito-de-colar

Lisboa, maio 2022

OPERADORES DE FUNDO



BB FUNDAÇÃO
BISSAYA BARRETO

PROMOTOR



PARCEIROS



Relatório do Censo nacional de periquito-de-colar

Lisboa, maio 2022



© Frank Vassen

O Projeto **Ciência Cidadã - envolver voluntários na monitorização das populações de aves**, é dinamizado pela SPEA em parceria com a *Wilder - Rewilding your days* e o *Norwegian Institute for Nature Research (NINA)* e financiado pelo Programa Cidadãos Ativos/*Active Citizens Fund (EEAGrants)*, gerido em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian, em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto.

OPERADORES DE FUNDO



PROMOTOR



PARCEIROS



Missão

Trabalhar para o estudo e conservação das aves e seus habitats, promovendo um desenvolvimento que garanta a viabilidade do património natural para usufruto das gerações futuras.

A **SPEA - Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves** é uma Organização Não Governamental de Ambiente que trabalha para a conservação das aves e dos seus habitats em Portugal. Como associação sem fins lucrativos, depende do apoio dos sócios e de diversas entidades para concretizar as suas acções. Faz parte de uma rede mundial de organizações de ambiente, a **BirdLife International**, que atua em 120 países e tem como objetivo a preservação da diversidade biológica através da conservação das aves, dos seus habitats e da promoção do uso sustentável dos recursos naturais.

A SPEA foi reconhecida como entidade de utilidade pública em 2012.
www.spea.pt



Relatório do Censo nacional de periquito-de-colar

Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, 2022

Direção Nacional: Maria Graça Lima, Paulo Travassos, Peter Penning, Alexandre Leitão, Martim Pinheiro de Melo, Nuno Barros, Maria José Boléo

Direção Executiva: Domingos Leitão

Coordenação do departamento de conservação terrestre e do departamento de cidadania: Joaquim Teodósio e Alexandra Lopes

Coordenação do projeto: Hany Alonso, Ricardo Borges, Pedro Cardia, Paulo Cortez, Luís Gordinho, Ricardo Faustino Lima, Paula Lopes, Rui Machado, Filipe Moniz, Carlos Pacheco, Pedro Ramalho, Daniel Raposo, Luís Reino, Guillaume Rethoré, Ricardo Rocha, Camila Rodrigues, Ricardo Tomé, Alba Villarroja e Hélio Batista.

Agradecimentos: A todos os voluntários que participaram na iniciativa de ciência-cidadã ou na prospeção de dormitórios (ver anexos A-C). A todas as entidades e pessoas que ajudaram a divulgar a iniciativa.

Citações: Alonso H, Borges R, Cardia P, Cortez P, Gordinho L, Lima RF, Lopes P, Machado R, Moniz F, Pacheco C, Ramalho P, Raposo D, Reino L, Rethoré G, Rocha R, Rodrigues C, Tomé R, Villarroja A, Batista H & Teodósio J (2022) Relatório do Censo nacional de periquito-de-colar. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa (rel não publicado).

Fotografias: Daniel Raposo (Capa); A. Almeida, H. Alonso, M. Carvalho, P. Conceição, P. Cortez, R. Freitas, I. Jesus, M^a.I. Gomes, M. MacDonnald, Ó. Madeira, A. Marques, I. Martins, V. Martins, P. Melo, D. Raposo, C. Rocha, R. Rocha, C. Rodrigues, F. Vassen

ÍNDICE

RESUMO/SUMMARY	5
1. NOTA INTRODUTÓRIA	7
1.1 Aves exóticas em liberdade	7
1.2 Espécies invasoras	7
1.3 Psitacídeos	9
1.4 O periquito-de-colar em Portugal	11
1.5 Objetivos do censo	12
2. METODOLOGIA	13
2.1 Iniciativa de Ciência-cidadã	13
2.2 Prospecção de dormitórios	14
2.3 Contagens de dormitórios	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1 Resultados Gerais do Censo	16
3.2 Resultados por distrito e concelho	23
3.3 Dieta dos periquitos	48
3.4 Outros psitacídeos	50
3.5 Considerações finais	57
AGRADECIMENTOS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	70
A Equipa de coordenação	70
B Voluntários do censo	71
C Participantes da ação de ciência-cidadã	72

RESUMO

O periquito-de-colar ou periquito-rabijunco *Alexandrinus krameri** é uma espécie exótica da família dos psitacídeos, que ocorre em liberdade em Portugal desde o final da década de 70. A grande capacidade de adaptação da espécie, assim como as regulares fugas de cativeiro, potenciadas pela intensa comercialização da espécie nas décadas de 80 e 90, levaram ao estabelecimento de núcleos populacionais nas cidades de Lisboa, Oeiras, Cascais, Faro, entre outros locais. Em 2008, a população nacional foi estimada em 270 aves, estando 80% desta população concentrada num único dormitório em Lisboa. Desde então, embora tenha existido alguma monitorização do principal dormitório, não voltou a existir um esforço de monitorização de âmbito nacional.

Em 2020 foi organizado um censo nacional, coordenado por observadores voluntários e baseado em contagens de dormitórios inverniais. Face ao desconhecimento das localizações da maioria dos dormitórios, organizou-se uma iniciativa de ciência-cidadã, para ajudar a identificar locais suspeitos de dormida. Esta iniciativa resultou na participação de mais de meio milhar de pessoas que partilharam mais de 700 registos da espécie. Com base nesses dados e na informação disponível noutras fontes (PortugalAves e Biodiversity4all), realizaram-se saídas de prospeção para identificar dormitórios, nos períodos outonal/invernal de 2020/21 e 2021/22. As contagens dos dormitórios foram realizadas pontualmente nesses períodos e de forma simultânea em dezembro de 2021.

Neste censo nacional, com base nas contagens dos dormitórios, a população nacional foi estimada em 2200-2500 periquitos. Estes valores correspondem a um efetivo populacional 8 a 9 vezes mais elevado que o reportado em 2008. De destacar, ao longo dos últimos 10-20 anos, o surgimento de vários dormitórios na periferia da cidade de Lisboa (e.g., Amadora, Odivelas), mas também na margem sul do Tejo (e.g., Seixal, Montijo). Outros núcleos isolados, como o de Coimbra, Caldas da Rainha, e mais recentemente, Trancoso, também surgiram neste espaço temporal. Foram identificados 33 dormitórios de periquitos-de-colar no continente e ilhas (25 com localizações exatas), a grande maioria localizados em eucaliptos (48%) e plátanos (40%). O distrito de Lisboa alberga a maioria do efetivo (87%) e metade dos dormitórios identificados. Os concelhos com mais periquitos contabilizados em dormitórios foram os de Lisboa (44%), Cascais (16%), Sintra (12%) e Amadora (11%). Fora do distrito de Lisboa, núcleos de meia centena de aves foram identificados em Setúbal e Vila Nova de Gaia. Nos Açores foram identificados 3 dormitórios e a população estimada entre 17 a 20 indivíduos.

No âmbito dos trabalhos deste censo, foram ainda identificados 4 locais de nidificação/dormida de caturrita *Myopsitta monachus*, todos no concelho do Porto, e a população estimada em 41-59 aves. Foi identificado um pré-dormitório de periquitão *Psittacara acuticaudatus*, com 54-57 aves, nas Avenidas Novas, em Lisboa. Finalmente, no concelho de Lagoa, foi monitorizado um núcleo de inseparáveis-de-Fischer *Agapornis fischerii* e estimada a população em 15-34 aves.

* De acordo com a lista taxonómica atualizada da HBW e BirdLife (anteriormente o nome científico era *Psittacula krameri* e *Aratinga acuticaudata*)

SUMMARY

The rose-ringed parakeet, also known as ring-necked parakeet, *Alexandrinus krameri** is an exotic species of the family Psittacidae, which has been found in the wild in Portugal since the late 1970s. The great adaptability of the species, as well as the regular escapes from captivity, boosted by the intense commercialization of the species in the 80s and 90s, led to the establishment of wild populations in the cities of Lisbon, Oeiras, Cascais, Faro, among others. In 2008, the national population was estimated at 270 birds, with 80% of this population concentrated in a single winter roost in Lisbon. Since then, despite the monitoring of the largest roost, no nationwide monitoring effort was ever made.

In 2020 a national census was organized, coordinated by volunteers and based on winter roost counts. Given the lack of knowledge regarding roost locations, a citizen-science initiative was organized to help identify potential roost sites. This initiative resulted in the participation of more than five hundred citizens who shared more than 700 records of the species. Based on this data and on the information available from other sources (PortugalAves and Biodiversity4all), prospection visits were carried out to identify roosts, in the autumn/winter periods of 2020/21 and 2021/22. The roost counts were conducted during these periods and, simultaneously, in December 2021.

In this census, based on winter roost counts, the national population was estimated at 2200-2500 parakeets. These values correspond to an effective population 8 to 9 times higher than in 2008. It is worth noting, in the space of 10-20 years, the emergence of several roosts on the outskirts of the city of Lisbon (e.g., Amadora, Odivelas), but also on the south bank of the Tagus river (e.g., Seixal, Montijo). Other isolated wild populations, such as the ones located in Coimbra, Caldas da Rainha, and more recently, in Trancoso (Guarda), also emerged in this time period. Thirty-three winter roosts of rose-ringed parakeets were identified on the mainland and islands (25 roosts with exact locations), the vast majority located in eucalyptus (48%) and plane trees (40%). The Lisbon district holds the majority of the parakeets (87%) and half of the identified dormitories. The municipalities with the larger numbers of parakeets (counted in dormitories) were Lisbon (44% of the total numbers), Cascais (16%), Sintra (12%) and Amadora (11%). In other districts, roosts of around fifty birds were identified in Setúbal and Vila Nova de Gaia. In the Azores, 3 roosts were identified and the total population estimated between 17 and 20 individuals.

During this census, 4 nesting sites of the monk parakeet *Myopsitta monachus* were also identified, all located in the municipality of Porto, with an estimated total population of 41-59 birds. A pre-dormitory of the blue-crowned parakeet *Psittacara acuticaudatus*, with 54-57 birds, was identified in Avenidas Novas, Lisbon. Finally, in Lagoa, a small population of Fischer's Lovebird *Agapornis fischerii* was monitored and currently estimated at 15-34 birds.

* According to the updated HBW and BirdLife Taxonomic Checklist (previously were *Psittacula krameri* and *Aratinga acuticaudata*)

1. NOTA INTRODUTÓRIA

1.1 Aves exóticas em liberdade

Uma espécie **exótica** é uma espécie que ocorre fora da sua área de distribuição natural, por ação direta do homem. Muitas espécies de aves são migradoras de longa-distância ou fazem movimentos dispersivos em determinadas épocas do ano ou fases do seu ciclo de vida, pelo que é possível a sua ocorrência fora das suas áreas de distribuição habituais, de forma natural. Nestes casos, as espécies são consideradas acidentais ou divagantes naturais. Existe ainda uma outra situação, quando ocorre uma expansão natural que leva ao estabelecimento de uma espécie numa região onde antes não era nativa.

A origem de aves exóticas em liberdade está então intimamente ligada à ação do homem, podendo as introduções ocorrer de forma acidental ou deliberada. A grande maioria dos registos de aves exóticas em liberdade de origem acidental devem-se a fugas de cativeiro, quer sejam aves de estimação ou de coleções privadas, ou ainda provenientes de zoológicos ou parques. Outras introduções acidentais incluem o transporte acidental (e.g., em navios) e também pode ocorrer a dispersão natural de populações de exóticas estabelecidas em regiões/países contíguos. Alguns exemplos de introduções deliberadas ou intencionais, incluem a libertação de espécies não-nativas para atividades cinegéticas ou mesmo a libertação intencional de aves de estimação. De salientar que na maioria das libertações, mesmo intencionais, não existe uma má intenção, mas uma baixa consciência dos riscos associados.

Na Lista Sistemática de Aves de Portugal Continental, publicada em 2007, estavam reportadas 88 espécies de aves exóticas (categorias E, C e/ou D4) observadas em liberdade (Matias et al. 2007). Mais recentemente, essa lista foi atualizada por Elias (2021), com um reporte de 125 espécies exóticas que já ocorreram em liberdade em Portugal. Obviamente, para a grande maioria das espécies listadas, na maioria dos registos tratam-se de indivíduos oriundos de fugas de cativeiro que não sobreviveram muito tempo e/ou não se reproduziram. Nesse sentido, é importante diferenciar três grupos de espécies exóticas a ocorrer em liberdade: 1) espécies sem populações estabelecidas, cujos registos são pontuais/ocasionais, e podem também ter casos de reprodução pontuais; 2) espécies com populações em vias de estabelecimento, com núcleos populacionais com reprodução confirmada, mas de distribuição ou efetivos populacionais ainda restritos; 3) espécies com populações estabelecidas, também denominadas naturalizadas e que já possuem populações reprodutoras autossustentáveis.

1.2 Espécies invasoras

De entre as espécies exóticas, existem algumas espécies consideradas **invasoras**. Uma espécie é invasora quando provoca (ou tem potencial para provocar) impactos ou desequilíbrios nos ecossistemas onde é introduzida. Algumas espécies têm características intrínsecas que lhes conferem à partida vantagem competitiva em novos ambientes, como por exemplo: uma boa capacidade de adaptação a condições ambientais diversas; uma maior agressividade comparativamente à maioria das espécies; ou uma elevada capacidade reprodutora e/ou de dispersão. Para além das características intrínsecas das espécies,

existem fatores externos (e.g., existir elevado comércio dessas espécies) e de acaso (libertação de vários indivíduos em simultâneo) que podem potenciar o sucesso das introduções. De resto, a intensificação do comércio de exóticas foi um dos motores para o estabelecimento de muitas espécies invasoras em todo o globo ao longo das últimas décadas, e que as tornou uma das maiores ameaças à biodiversidade da atualidade. De entre os impactos mais relevantes, estão a competição por recursos, a predação, a hibridação e a transmissão de doenças.

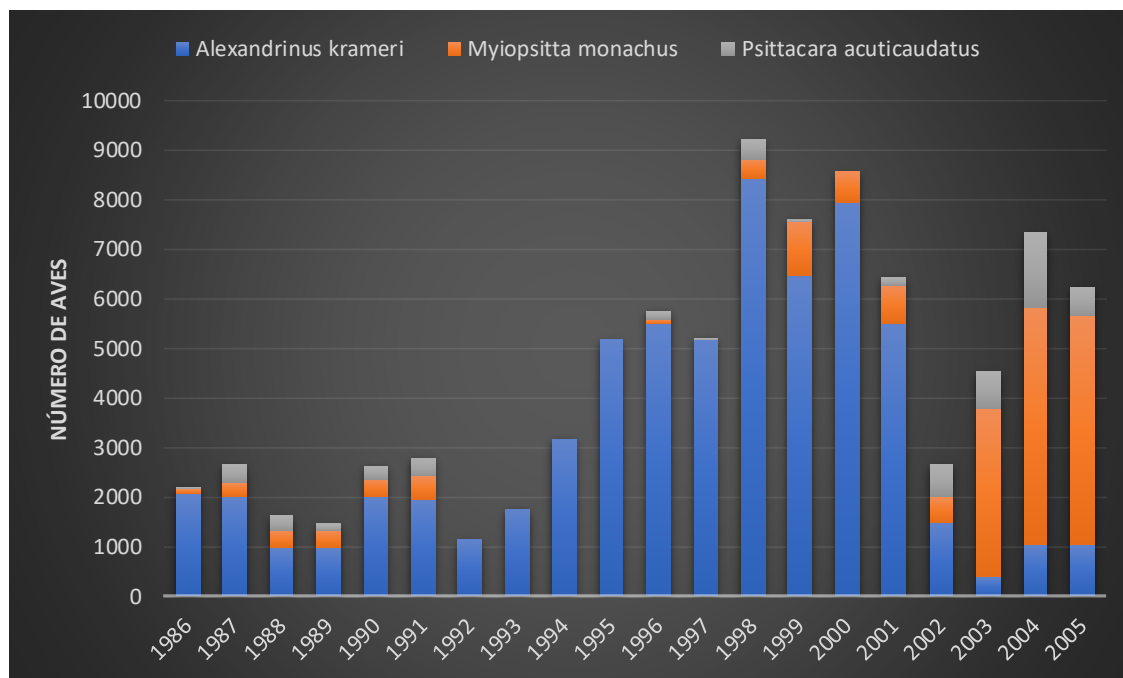


Figura 1 | Gráfico com o número de aves importadas para Portugal entre 1986 e 2005, relativos às três espécies de psitacídeos com as populações selvagens de maior dimensão no país (Fonte dos dados: CITES).

A classificação das espécies como invasoras tem geralmente algum grau de subjetividade, e a mesma espécie pode estar classificada como invasora num país/região, mas não estar classificada noutros locais. Estas diferenças podem estar relacionadas com a situação da espécie no país/região, visto que as diferentes populações de espécies exóticas podem encontrar-se em diferentes fases de estabelecimento, com os riscos estimados para a biodiversidade local e, claro, com a informação disponível sobre os seus possíveis impactos nos ecossistemas em causa.

Em Portugal, é o [Decreto-Lei n.º 92/2019](#), de 10 de julho, que apresenta a atual lista de espécies invasoras para Portugal (18 espécies de aves classificadas como invasoras, 5 das quais classificadas como invasoras apenas na Madeira), e que estabelece o regime jurídico aplicável ao controlo, à detenção, à introdução na natureza e ao repovoamento de espécies exóticas, de forma a assegurar a prevenção e gestão da introdução e propagação de espécies exóticas invasoras. Esta lista deve ser revista a cada seis anos (ou menos, se houver justificação), visto que a situação de algumas espécies pode sofrer alterações rápidas em pouco tempo. No caso das espécies exóticas com populações estabelecidas ou em vias de estabelecimento, essa reavaliação das espécies pressupõe uma avaliação atualizada da situação da espécie exótica,

o acompanhamento da sua evolução demográfica e da distribuição espacial e, sempre que possível, a monitorização de possíveis impactos na biodiversidade nativa.



Figura 2 | Periquito-massorongo *Poicephalus senegalus*, uma espécie originária da África ocidental, observado em liberdade no Funchal, Madeira em 2009 © Ricardo Rocha.

1.3 Psitacídeos

A ocorrência em liberdade de diferentes espécies de psitacídeos no território nacional é algo frequente, devido ao facto das espécies desta família serem bastante populares como animais de estimação e também entre os criadores de aves. Dessa forma, a esmagadora maioria dos registos das diversas espécies devem-se a fugas de cativeiro, podendo ocasionalmente ocorrer alguma libertação intencional. Até à atualidade, pelo menos 19 espécies diferentes de psitacídeos foram registadas em liberdade no território continental (Matias et al. 2007, Elias 2021). A esmagadora maioria desses indivíduos, sobretudo no caso das espécies de menor dimensão (periquito-da-Austrália, cocatiel, inseparáveis), não sobrevive por muito tempo, por incapacidade de se adaptarem a condições muito distintas às que encontrariam no seu habitat natural, mas também por estarem habituadas ao cativeiro e terem dificuldade em obter alimento e água, ou a proteger-se de predadores.

À data de início deste censo, existiam 5 espécies de psitacídeos com populações reprodutoras conhecidas em Portugal: o periquito-de-colar *Alexandrinus krameri*, o periquitão *Psittacara acuticaudatus*, a caturrita *Myopsitta monachus*, o periquito-massorongo *Poicephalus senegalus* e o inseparável-de-Fischer *Agapornis fischeri*. No entanto, apenas o periquito-de-colar é considerada uma espécie estabelecida (naturalizada), por ter

populações reprodutoras conhecidas há mais de 15 anos (Matias et al. 2007, Equipa Atlas 2008).

O periquito-de-colar tornou-se uma espécie habitual na Grande Lisboa e em muitas cidades do nosso país, sem que tenha havido um esforço de âmbito nacional de monitorização dos seus efetivos.

O periquito-de-colar ou periquito-rabijunco é uma espécie originária dos continentes asiático e africano, mas que ocorre atualmente em inúmeras cidades do continente europeu (Pârâu et al. 2016). Estas populações, com origem provável em fugas de cativeiro, encontraram alimento, refúgio e locais adequados para nidificar nas áreas verdes dos grandes centros urbanos. Esta espécie exótica possui algumas das características típicas das espécies invasoras (boa capacidade de adaptação, reprodução rápida, agressividade) e nalguns locais onde já está estabelecida pode mesmo afetar as espécies nativas, ao competir por alimento ou locais de nidificação (Covas et al. 2017, Hernández-Brito et al. 2018, Mori et al. 2017). É uma espécie gregária e muito social, que nidifica em buracos de árvores e que usa de forma regular dormitórios comunais, que podem reunir desde algumas aves até muitas centenas de indivíduos. De forma relativamente previsível, as aves tendem a retornar ao seu dormitório habitual ao final do dia. Assim, a contagem de dormitórios é o método habitual de censo da espécie, sendo preferível que as contagens decorram no período pós-reprodutor, quando o número de indivíduos a utilizar os dormitórios principais atinge o maior número, ao longo do ano (Matias 2008, Del Moral et al. 2017). Isto acontecerá porque no período de nidificação, muitos dos reprodutores estarão mais dispersos, e poderão ficar a pernoitar nos ninhos ou em dormitórios próximos de menor dimensão.



Figura 3 | Casal de periquitos-de-colar *Alexandrinus krameri* © Daniel Raposo

1.4 O periquito-de-colar em Portugal

Em Portugal, o periquito-de-colar ocorre em liberdade pelo menos desde o final dos anos 70, com a primeira observação da espécie a ocorrer no estuário do Tejo, mais precisamente em Pancas, no concelho de Benavente (Matias 2002). O primeiro dormitório da espécie foi detetado no final dos anos 80 no Jardim da Estrela em Lisboa (Matias 2008), sendo que em janeiro de 1999, foram contados 48 periquitos nesse dormitório. Nessa altura, entre 1999 e 2002, começaram a surgir registos da espécie noutros concelhos da área metropolitana de Lisboa (incluindo Sintra, Cascais, Amadora, Loures, Oeiras, Vila Franca de Xira e Almada) e já existiriam pequenos núcleos em Torres Novas, na região de Mira, em Viseu, em Ponta Delgada e em Loulé, assim como registos isolados um pouco por todo o país, incluindo nos arquipélagos dos Açores e Madeira (Matias 2002, 2008). Já em novembro de 2003, no Jardim da Estrela (único dormitório conhecido à data em Lisboa) foi contabilizado um número máximo de 208 indivíduos. Num estudo publicado em 2008, e com base nessas contagens do dormitório da Estrela e nas observações de indivíduos/bandos no resto do país, a população nacional foi estimada em cerca de 270 aves (Matias 2008).

Em 2008, a população nacional de periquito-de-colar foi estimada em cerca de 270 indivíduos, a maioria dos quais se encontraria na cidade de Lisboa (~80%).

Em setembro de 2004, foi detetado um novo dormitório na cidade de Lisboa, localizado no Campo Grande, com pelo menos 40 periquitos (Reino & Santana 2004, Matias 2006). Esse dormitório tornou-se gradualmente o dormitório principal da espécie, tendo as aves deixado de utilizar o dormitório da Estrela. Em julho de 2015 foram contabilizados um máximo de 644 periquitos no dormitório do Campo Grande, no âmbito de um censo na cidade de Lisboa (Luna et al. 2016). Os resultados desse estudo evidenciam o enorme crescimento populacional da espécie na cidade de Lisboa, e também tornam evidente a necessidade de se saber mais sobre os efetivos atuais da espécie no resto da região da Grande Lisboa e do país. Matias (2008) apontava para a provável existência de dormitórios independentes noutros concelhos da Grande Lisboa, como Cascais ou Sintra. De facto, apesar da dispersão da informação, foram surgindo indicações claras da existência de outros dormitórios noutros concelhos limítrofes, e mesmo em Lisboa (e.g., Fernandes 2011, 2012; Magro 2013). Apesar disso, continua a não existir informação detalhada acerca da utilização de outros dormitórios pela espécie (e.g., localizações exatas, espécie de árvore, números de aves), o que é uma lacuna importante, visto que a monitorização de dormitórios comunais no período invernal é uma forma eficiente de monitorizar os efetivos desta espécie (Del Moral et al. 2017).

No que diz respeito à distribuição da espécie, houve uma clara expansão entre o 1º e o 2º Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (Rufino 1989, Equipa Atlas 2008), com a nidificação da espécie a ser confirmada em seis quadrículas do Atlas, na região da Grande Lisboa, assim como no Litoral Centro. Ao longo da última década foi também possível confirmar o surgimento de núcleos

populacionais no Porto, Coimbra, Caldas da Rainha, Almada, Setúbal e Faro (PortugalAves 2021).

No arquipélago dos Açores, o primeiro registo da espécie data de 2001, em Ponta Delgada na ilha de São Miguel (Matias 2004). Logo nos anos seguintes surgiram registos de periquitos-de-colar também nas ilhas Terceira e Faial, e um pequeno núcleo foi confirmado em 2004 em Ponta Delgada (Matias 2006). Mais recentemente (2017-20) observações de 4-5 aves foram sendo feitas em Ponta Delgada e foi detetado um outro núcleo no concelho da Povoação. Também têm havido registos isolados na Terceira e em Santa Maria (PortugalAves 2021). Já na Madeira, a primeira observação da espécie em liberdade foi feita na Ponta do Pargo em 2000, e logo de 7 aves (Matias 2003). Ao longo da primeira década de 2000, a espécie passou a ser observada com regularidade no Funchal (Matias 2006, Rocha et al. 2020) e, apesar de se tratar de um pequeno núcleo, a sua nidificação foi confirmada em várias ocasiões (Equipa Atlas 2013, Rocha et al. 2020).

1.5 Objetivos do censo

Tendo em consideração as evidências do crescimento populacional e possível expansão geográfica da espécie, identificou-se a necessidade urgente de obter dados que permitissem uma avaliação da situação atual da espécie no território nacional. Nesse sentido, os três principais objetivos deste censo são: 1) a identificação de dormitórios invernais da espécie; 2) a estimativa do tamanho da população nacional; 3) a atualização da distribuição da espécie.

2. METODOLOGIA

2.1 Iniciativa de Ciência-cidadã

Para apoiar na tarefa de identificação de dormitórios, foi lançada uma iniciativa de ciência-cidadã, para que qualquer pessoa pudesse contribuir com informações sobre a localização de potenciais dormitórios.

2.1.1 Período, duração e contexto da iniciativa



Figura 4 | Iniciativa de ciência-cidadã "Venha ajudar-nos a contar periquitos" lançada nos outonos de 2020 e de 2021

Esta iniciativa decorreu durante um mês em dois anos consecutivos, entre 15 de outubro e 15 de novembro de 2020, no contexto da Semana das Invasoras, e novamente entre 1 e 30 de novembro de 2021, inserida no Projeto Ciência Cidadã gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian, cujo principal objetivo é o de envolver voluntários na monitorização das populações de aves.

2.1.2 Registos de periquitos

Foi pedido aos cidadãos que reportassem observações de periquitos ao fim da tarde, fornecendo informação sobre o local da observação, número de aves e comportamento dos periquitos. Foi especificamente pedido que indicassem se as aves se estavam a juntar numa árvore para pernoitar e/ou se eram observadas em voo. As informações recebidas foram sendo partilhadas com os coordenadores responsáveis pelo censo nos respetivos concelhos.

2.1.3 Registos de alimentação

Em ambas as iniciativas de ciência-cidadã foi também pedido às pessoas que se fizessem observações de indivíduos da espécie a alimentar-se, para reportarem esse registo, partilhando também se possível uma fotografia da ave a alimentar-se, do alimento ou da árvore/arbusto.

2.1.4 Divulgação

A iniciativa foi divulgada pela SPEA no seu website (<https://www.spea.pt/voluntariado/ajude-nos-a-contar-periquitos/>) e através das suas redes sociais. Foram também contactadas diversas entidades (e.g., câmaras municipais) nos principais concelhos onde a espécie ocorre para que pudessem ajudar na divulgação da iniciativa, através dos seus próprios meios de divulgação.

2.2 Prospecção de dormitórios

2.2.1 Organização e estrutura da equipa do censo

Para a realização deste censo, organizou-se uma equipa de coordenadores voluntários, responsáveis pelo censo num determinado concelho, freguesias ou outra área delimitada (Ver Anexo A). Esta organização teve em conta os concelhos onde houvesse registos regulares ou recentes da espécie, de acordo com a informação disponível no PortugalAves. Os coordenadores ficaram responsáveis por organizar 1) os trabalhos de prospecção de dormitórios, com a ajuda de outros observadores locais, sempre que possível/necessário, 2) as contagens do censo nos dormitórios identificados.

2.2.2 Locais visitados

Foram visitados os dormitórios conhecidos e outros locais onde já houvesse suspeitas de haver um dormitório. Sempre que possível foram contactados observadores locais, que pudessem dispor de informações sobre possíveis dormitórios. Foi também recolhida informação sobre potenciais locais de dormida, de plataformas como o PortugalAves ou o Biodiversity4all, com base nas horas das observações e número de aves observadas. A iniciativa de ciência-cidadã também forneceu informação de locais suspeitos, que depois de uma triagem, também foram incluídos na lista de locais a visitar. Caso não existisse ou houvesse pouca informação de base para determinada cidade ou região, eram visitados locais com maior potencial para albergar dormitórios, como jardins e parques, ou pequenos aglomerados de árvores altas (como eucaliptos, plátanos, palmeiras), de preferência perto de áreas com registos de periquitos ao fim do dia.

2.2.3 Período de prospecção

A prospecção de dormitórios estendeu-se ao longo do outono/inverno, entre os meses de outubro e janeiro de 2020/21 e entre outubro e dezembro de 2021. Os trabalhos de prospecção, especialmente no primeiro ano, estiveram muito condicionados pelas medidas impostas pelas autoridades no intuito de controlar a pandemia (e.g., limitação de circulação entre concelhos, proibição de sair ao fim da tarde).

2.2.2 Visitas de prospecção

As visitas de prospecção decorreram ao fim da tarde, de preferência durante a última hora e meia antes do pôr-do-sol. Nessas visitas, eram

procurados indivíduos da espécie e, a partir do seu comportamento, procurou-se perceber da existência de um dormitório e da sua localização exata. Mesmo não existindo um dormitório, a direção de aves em voo foi utilizada para identificar outros locais potenciais nas proximidades. Sempre que foi identificado o local exato do dormitório, o observador recolheu também informação do nome do parque/jardim, as coordenadas geográficas do dormitório, uma descrição do local exato e da espécie de árvore (indicação para identificar/fotografar a(s) árvore(s)) assim como uma estimativa do número de aves presente.

Estando identificado o dormitório, procurou-se recolher informação sobre as principais dinâmicas das aves (por onde as aves entram), sobre a localização dos pontos de observação ideais para realizar as contagens e sobre a necessidade de ajuda de outro(s) observadores(s) para a realização de contagens. Sempre que possível, foi também recolhida informação sobre outras espécies de psitacídeos (nomeadamente localização de dormitórios/ninhos, número de aves presentes, e espécies de árvores utilizadas).

2.3 Contagens de dormitórios

2.3.1 Datas e horários das contagens

Durante os períodos de prospeção, todas as oportunidades para realizar uma contagem completa de dormitórios foram aproveitadas. No dia 12 de dezembro de 2021 procurou fazer-se uma contagem simultânea de todos os dormitórios. Nos casos em que não foi possível efetuar a contagem na data do censo, fez-se a contagem no dia mais próximo possível. No caso de dormitórios próximos, fez-se um esforço para que a contagem decorresse no mesmo dia. As contagens de dormitórios foram realizadas ao fim do dia, com o início a ocorrer cerca de 45 minutos antes do pôr-do-sol. O término das contagens ocorreu apenas depois do pôr-do-sol e quando já não ocorreu a entrada de aves por um período superior a 10 minutos.

2.3.2 Contagens

Sempre que possível fez-se um esforço por realizar contagens completas, começando o censo antes das primeiras entradas e registando-se todas as aves que entraram nos dormitórios. Sempre que algumas aves saíram do dormitório foram descontadas do número total de aves que entraram no dormitório. Quando o dormitório era composto por mais de uma árvore (um conjunto de 2/3 árvores, por exemplo), os movimentos entre árvores do dormitório não foram considerados para efeitos de contagem. No caso de entrada de bandos grandes e/ou atividade intensa de entradas/saídas, em que não fosse possível contar individualmente, estimava-se o número de aves.

2.3.4 Estimativas dos núcleos populacionais

Na maioria dos casos, para as estimativas populacionais foram usados os valores das contagens realizadas no dia do censo. Nas situações em que ocorreu uma contagem incompleta ou outras situações não previstas (alteração da localização do dormitório), foram incluídos os dados de contagens completas desses dormitórios realizadas noutras datas. Para evitar a dupla contagem nos

dormitórios próximos foram considerados valores mínimos e máximos, considerando ambas as hipóteses (de as aves alternarem entre os dois dormitórios, ou não).

Nos casos em que não tenha sido identificado a localização do dormitório, e não existindo outros núcleos populacionais próximos, estimativa de tamanho do núcleo usada neste censo foi baseada no número máximo de indivíduos observados no outono/inverno de 2020/21 e 2021/22. Também os indivíduos isolados foram considerados para o censo, sempre que tenham ocorrido em locais sem núcleos populacionais nas proximidades. Para estas duas situações, para além dos dados da iniciativa de ciência-cidadã e da prospeção, foram incluídos dados da plataforma PortugalAves.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Resultados gerais do censo

3.1.1 Cobertura do censo

De acordo com a informação recente sobre a ocorrência e distribuição da espécie, de fontes como o PortugalAves (entre jan 2018 e set 2020) e o Biodiversity4all, mas também informação histórica de núcleos da espécie disponível em algumas publicações relevantes (Matias 2008, Equipa Atlas 2008, Catry et al. 2010), fez-se uma seleção dos concelhos a incluir neste censo (figura 5). Os registos de indivíduos isolados não foram considerados. Com base nos concelhos selecionados, foi organizada uma estrutura de coordenadores regionais voluntários (ver anexo A) de forma a promover trabalhos de prospeção nessas áreas.

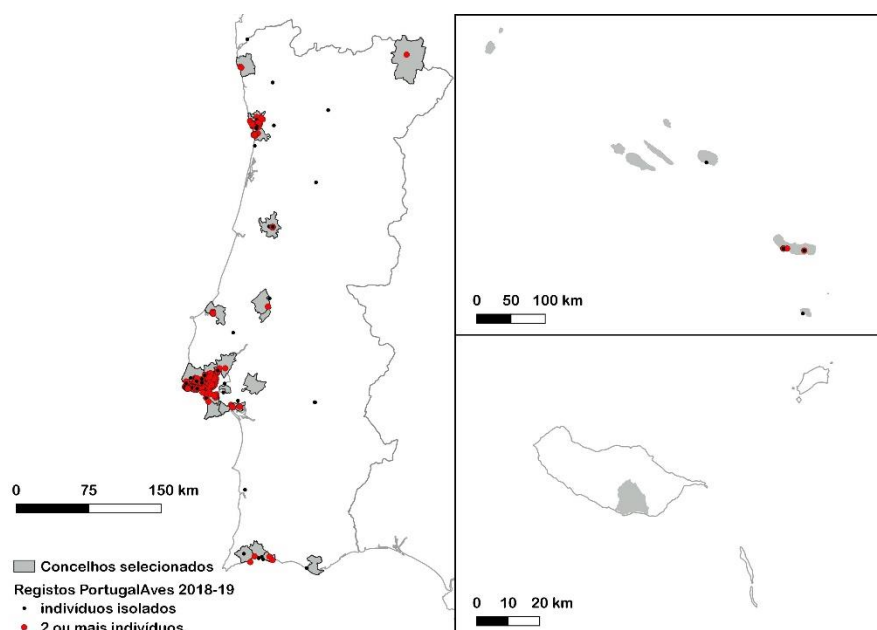


Figura 5 | Concelhos selecionados (a cinzento) para os trabalhos deste censo. Os pontos representam as observações de periquitos entre janeiro de 2018 e setembro de 2020, submetidas à plataforma PortugalAves (preto - indivíduos isolados; vermelho - mais do que um indivíduo)

3.1.2 Iniciativa de ciência-cidadã

Foram recebidos 727 registos de observações de periquitos, 26% (183) no primeiro ano da iniciativa e 74% (544) na segunda edição da iniciativa de ciência-cidadã, em 2021. Os registos provenientes da iniciativa de ciência-cidadã permitiram a identificação de locais suspeitos de dormitórios.

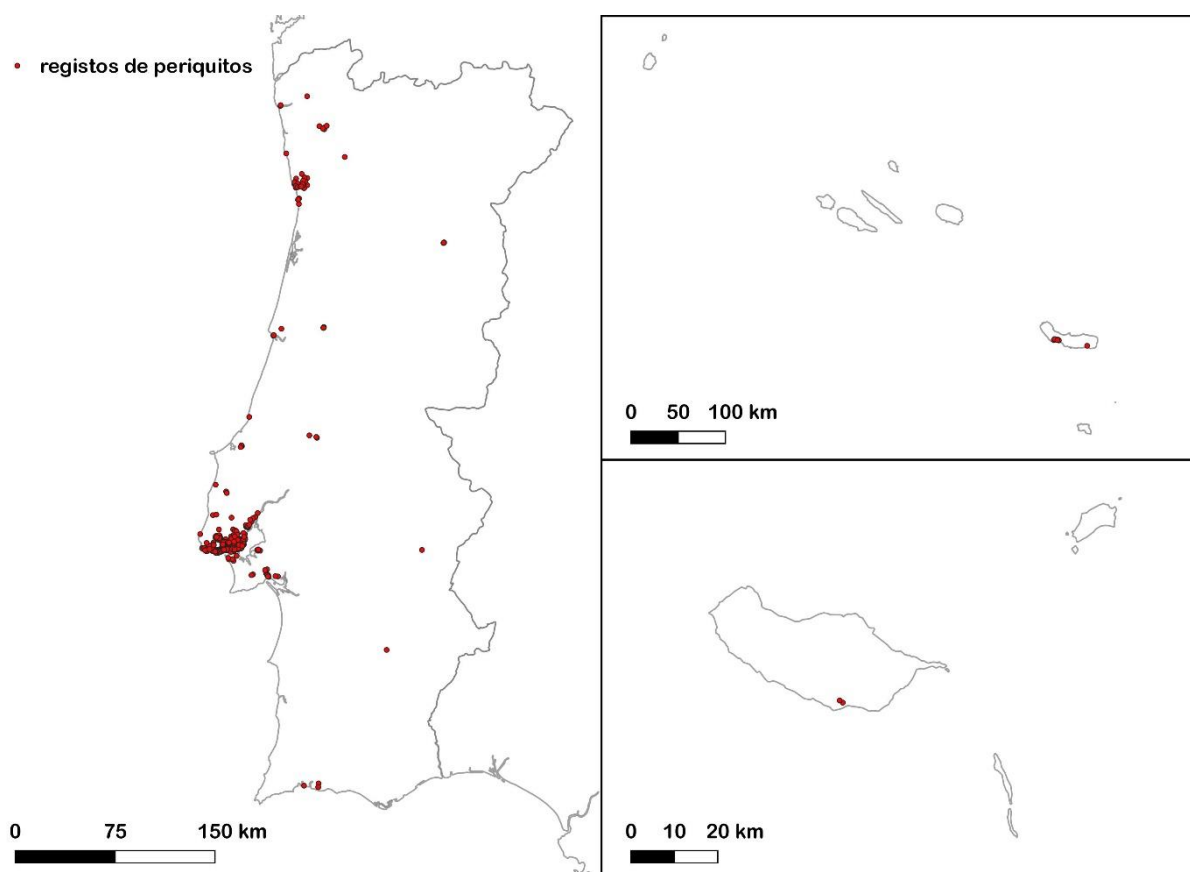


Figura 6 | Registos de periquitos (n = 727) submetidos pelos cidadãos durante as duas iniciativas de ciência-cidadã em 2020 e 2021.

3.1.3 Esforço de prospeção

Foram visitados 152 locais suspeitos de dormitórios em todo o território nacional, em 25 concelhos do continente e arquipélagos. O maior esforço de prospeção decorreu nos concelhos de Oeiras (22%), Cascais (18%) e Lisboa (20%), onde haviam mais locais suspeitos identificados e onde também se encontra a maior parte da população desta espécie.

Tabela 1 | Números de locais visitados durante os trabalhos de prospeção

Concelho	Nº de locais visitados
Lisboa	30
Oeiras	33
Cascais	27
Outros	62

3.1.4 Dormitórios

No decurso dos trabalhos de prospeção deste censo e de informação adicional que foi sendo recolhida foi possível identificar 33 dormitórios de periquito-de-colar em todo o país. De entre estes, foi possível identificar a localização exata de 25 dormitórios, nos quais foi possível realizar contagens exatas de aves a entrar nos mesmos. Nos restantes 8 dormitórios, não foi possível determinar a sua localização exata, e a sua identificação foi baseada no comportamento das aves e hora das observações, com o pressuposto de não existir outra possibilidade, i.e. um outro dormitório identificado em áreas próximas (< 15km). De referir ainda que em 3 desses dormitórios, ficou a faltar a confirmação de que o dormitório fosse localizado na freguesia reportada. Para estes 8 dormitórios, a estimativa desses núcleos foi baseada no número máximo de aves observadas. De salientar que nesses casos é provável que exista uma subestimação do número de aves.

Tabela 2 | Números de periquitos contabilizados em dormitórios

Dormitório	Freguesia	Concelho	Número de aves	
			Min	Máx
1	Alvalade	Lisboa	454	740
2	São Domingos de Rana	Cascais	315	318
3	Rio de Mouro	Sintra	290	290
4	Águas Livres / Venteira	Amadora	250	270
5	Carnide	Lisboa	20	296
6	Arcozelo	Vila Nova de Gaia	52	52
7	Odivelas	Odivelas	50	50
8	São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça	Setúbal	48	49
9	Areiro	Lisboa	47	47
10	Alcabideche	Cascais	0	40
11	Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório	Caldas da Rainha	27	27
12	Santo Onofre e Serra do Bouro	Caldas da Rainha		
13	Carcavelos e Parede	Cascais	10	25
14	Cascais e Estoril	Cascais	21	21
15	* Trancoso e Souto Maior	Trancoso	7	10
16	** Ortiga	Mação	0	20
17	* Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu	Coimbra	15	18
18	Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	Porto	16	16
19	** Nossa Senhora de Fátima	Entroncamento	6	12
20	Livramento	Ponta Delgada	11	11
21	Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires	Seixal	8	11
22	* Póvoa de Santa Iria e Forte da Casa	Vila Franca de Xira	8	10
23	* Costa da Caparica	Almada	6	9
24	Benfica (Estrada de Benfica)	Lisboa	8	8
25	São Domingos de Benfica	Lisboa	4	8
26	Estrela	Lisboa	6	6
27	Benfica (Eucaliptal)	Lisboa	6	6

28	** Venda do Pinheiro	Mafra	4	6
29	* Povoação	Povoação	4	5
30	Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires	Seixal	5	5
31	União das freguesias de Montijo e Afonsoeiro	Montijo	3	3
32	Torrados e Sousa	Felgueiras	2	2
33	Furnas	Povoação	1	1
			1703	2391

* dormitório confirmado, mas sem localização exata
 ** dormitório por confirmar

Cerca de metade dos dormitórios ocorrem no distrito de Lisboa (16), tendo sido identificados 5 dormitórios no distrito de Setúbal e 3 na Região Autónoma dos Açores. Os concelhos de Lisboa (7) e de Cascais (4) foram aqueles onde foram identificados o maior número de dormitórios. Nos 25 dormitórios onde foi possível identificar a espécie de árvore utilizada (tabela 3), em quase metade o dormitório era num único ou num conjunto de eucaliptos (*Eucalyptus* sp.), sendo também bastante frequente o uso de plátanos (*Platanus* sp.).

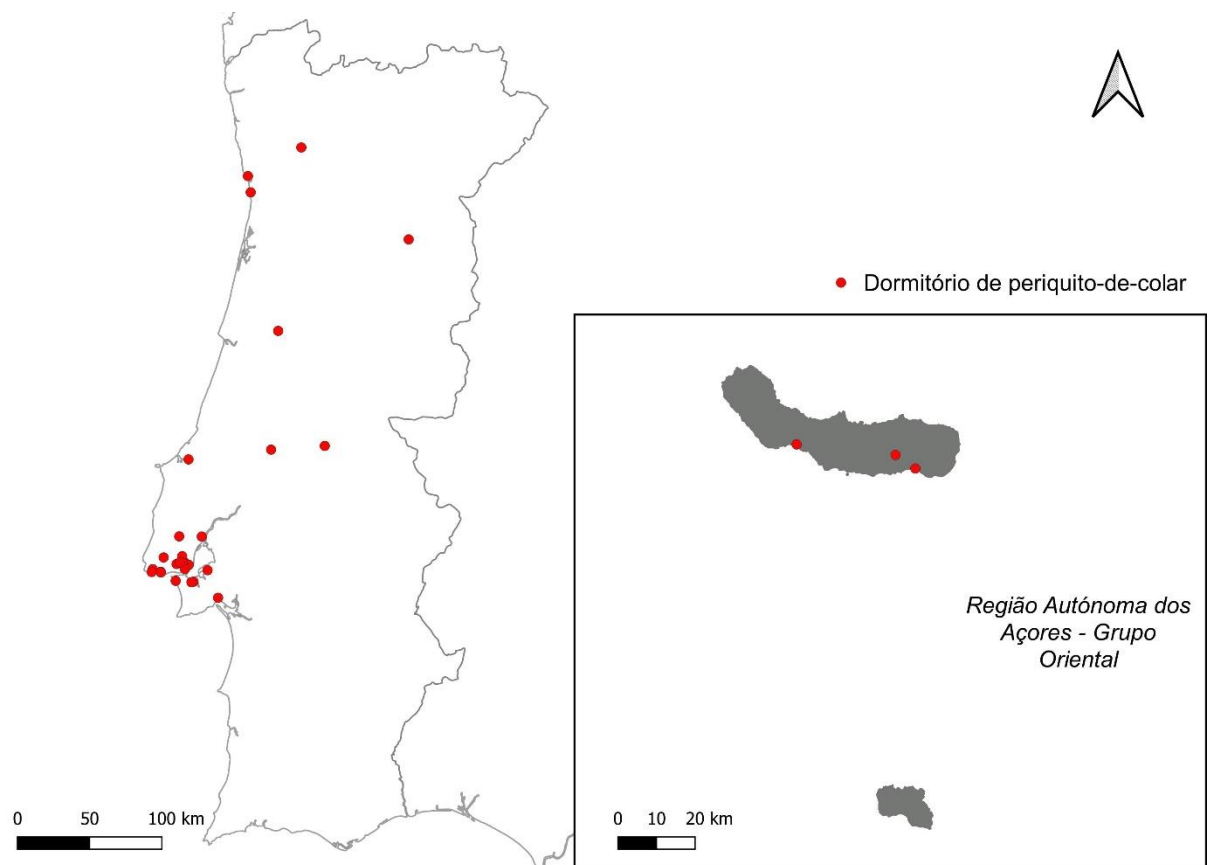


Figura 7 | Localização e dimensão dos dormitórios de periquito-de-colar (n=33) identificados no censo de 2020-2021.

Tabela 3 | Espécies de árvores usadas como dormitório pelo periquito-de-colar

Espécie de árvore	Nº de dormitórios	%	Nº de periquitos	%
Eucalipto	12	48	1472	64
Plátano	10	40	821	36
Borracheira	1	4	6	-
Palmeira	1	4	2	-
Araucaria	1	4	1	-

Durante o período de prospeção e contagens de dormitórios inverniais, foi possível verificar o uso alternado de dois ou até três locais de dormida distintos, mesmo no caso de dormitórios de grande dimensão. Nalguns casos, verificou-se alterações de pequena distância (< 100m), como por exemplo na Amadora ou em Setúbal. Também na Amadora, verificou-se o uso de um local de dormida um pouco mais distante (1km), mas aparentemente sem variações significativas no número das aves presentes. Noutros casos, como em Carnide ou em Rio de Mouro, não foi possível identificar o local alternativo de pernoita. Não foi possível recolher informação sobre as causas destas mudanças, mas é provável que os núcleos tenham mais do que um local de dormida habitual, e que fatores como a disponibilidade de alimento ou perturbação, possam contribuir para o uso de locais alternativos. Pelo menos num caso foi possível verificar que se deveu a perturbação/destruição do dormitório (abate das árvores), e obviamente, nesse caso foi permanente, embora as aves tenham passado a usar outros dois dormitórios de forma alternada.

3.1.5 Tamanho e distribuição da população nacional

A partir da informação recolhida nos trabalhos deste censo contabilizou-se uma população nacional de 2009-2507 indivíduos de periquito-de-colar (tabela 1). Considerando que não foi possível localizar alguns dormitórios e que a estimativa desses núcleos foi baseada em observações de bandos (o que tende a subestimar os números totais dos dormitórios), **estima-se que a população nacional seja de 2200-2500 indivíduos.**

Destaque para o distrito de Lisboa, que alberga 87% da população nacional, considerando o valor mais alto da estimativa. Os seguintes distritos com maiores números de periquitos são Setúbal (4%) e Porto (3%). A distribuição atual da espécie acompanha em certa medida a distribuição e concentração das populações humanas, ocorrendo sobretudo nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, e em concelhos como os de Lisboa, Cascais, Sintra, Vila Nova de Gaia e Setúbal. Também é notória uma maior ocupação do litoral do país (figura 8).

Tabela 4 | Número de periquitos e dormitórios, por distrito

Distrito	Número de dormitórios identificados	Número de aves	
		Min	Máx
Viana do Castelo	0	7	8
Braga	-	3	4
Bragança	0	0	1
Porto	3	73	84
Guarda	1 *	7	10
Viseu	-	1	1
Aveiro	-	2	2
Coimbra	1 *	17	21
Leiria	3	30	30
Santarém	2 **	7	34
Lisboa	16 **	1771	2185
Setúbal	4 *	63	89
Évora	-	2	3
Beja	-	1	1
Faro	0	8	11
RA Açores	3 *	17	20
RA Madeira	0	0	3
Total	33	2009	2507

* Um dormitório confirmado, mas sem localização exata

** Um dormitório confirmado mas sem localização exata e outro dormitório por confirmar

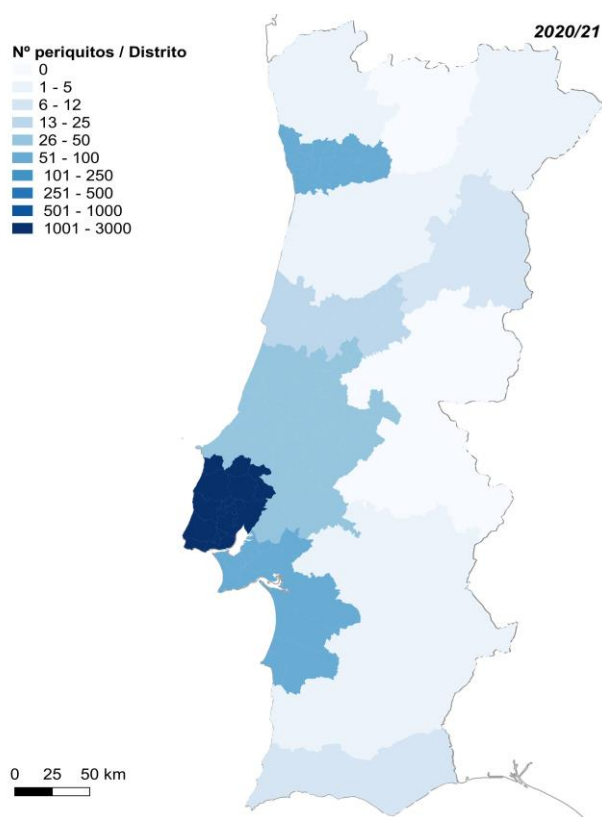


Figura 8 | Números de periquito-de-colar por distrito.

3.1.6 Evolução das populações

Em 2008, foi feita uma estimativa da população nacional de ca de 270 periquitos com base nos dados de contagens do seu principal dormitório (máx. de 208 em novembro de 2003) e dos tamanhos dos bandos observados noutras áreas mais afastadas (Matias 2008). Comparando com os dados obtidos deste censo (2200–2500 periquitos) é evidente o crescimento das populações desta espécie, tendo a espécie sofrido um incremento 8 a 9 vezes superior, em relação à estimativa de 2008. De notar que a falta de conhecimento sobre localizações de dormitórios pode ter levado a alguma subestimação de alguns núcleos em 2008, sobretudo na Amadora, Sintra e em Cascais. De todas as formas, é evidente o crescimento demográfico da espécie no distrito de Lisboa (figura 9), mas esse crescimento, embora menos expressivo também é notório nos distritos de Setúbal, Porto, Coimbra e Leiria (figura 10). Para tal contribuiu o surgimento de núcleos populacionais como o das Caldas da Rainha, Coimbra ou Porto, mas também o rápido crescimento de núcleos como os de Vila Nova de Gaia e de Setúbal (ambos com meia centena de aves). De notar o desaparecimento de núcleos como os de Mira e de Faro/Loulé, mas também o surgimento de pequenos núcleos, por exemplo, na margem sul do Tejo e noutras locais mais dispersos. Nos Açores, também existe um incremento populacional mas parece ser mais lento, ao passo que na Madeira, parece mesmo haver uma regressão nos números da espécie.

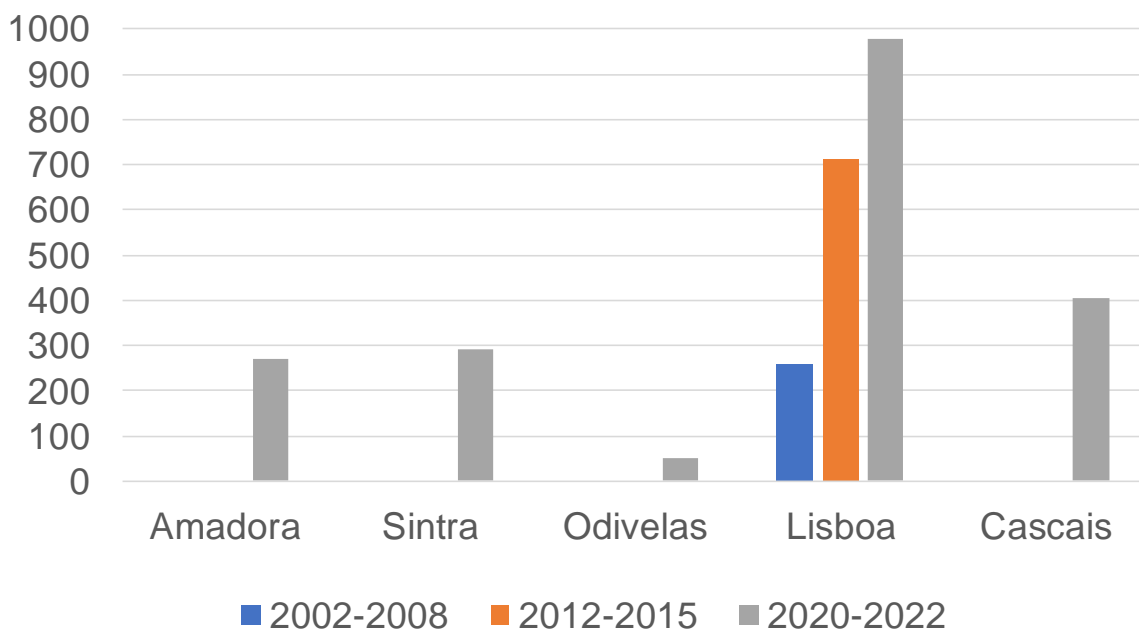


Figura 9 | Números de periquito-de-colar nos dormitórios do distrito de Lisboa (máximo registado por dormitório). 2002-2008: jardim da Estrela; 2012-2015: Campo Grande; Benfica; 2020-22: Campo Grande, Carnide, Benfica, Areeiro.

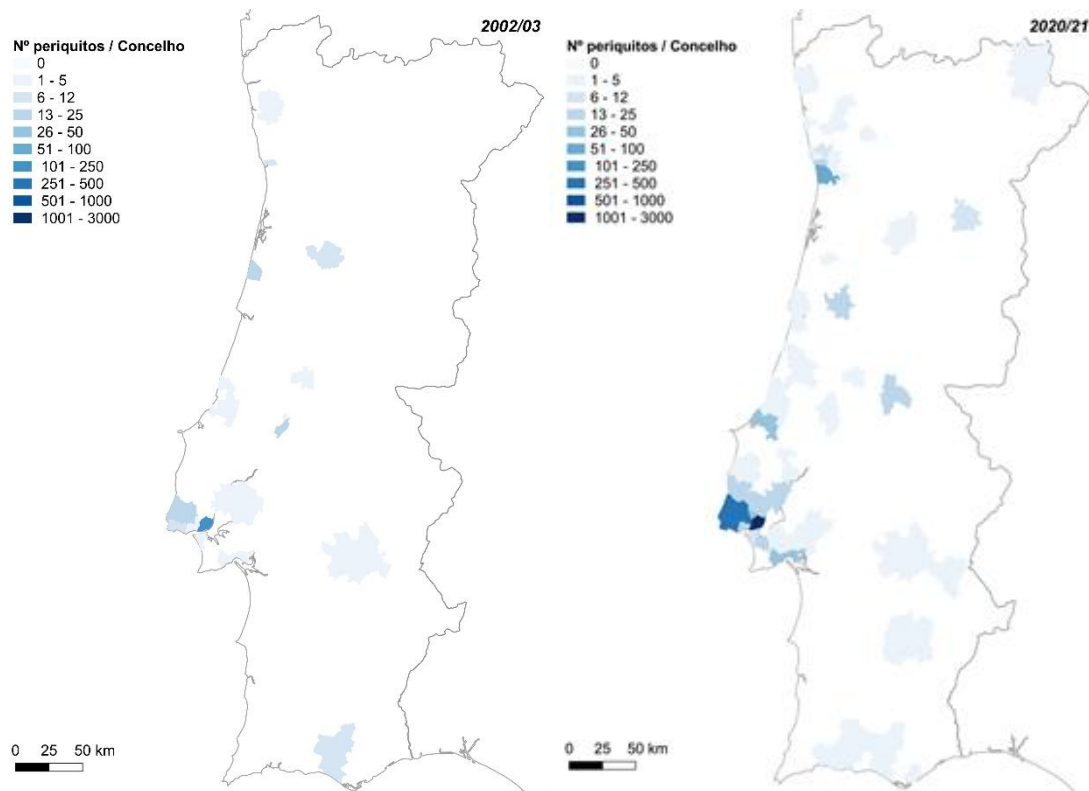


Figura 10 | Comparação dos números e distribuição do periquito-de-colar entre 2002-2003 e 2020-2021, por concelho.

3.2 Resultados por distrito e concelhos

Tabela 5 | Número de periquitos e dormitórios, por concelho

Distrito	Concelho	Número de dormitórios	Número de aves	
			Min	Máx
Viana do Castelo	Viana do Castelo	0	5	6
	Ponte de Lima	-	2	2
Braga	Braga	-	2	3
	Vila Nova de Famalicão	-	1	1
Bragança	Bragança	0	0	1
	Póvoa do Varzim	-	1	1
	Maia	0	0	7
Porto	Matosinhos	0	0	4
	Porto	1	16	16
	Valongo	-	1	1
	Gondomar	-	2	2
	Felgueiras	1	2	2

	Vila Nova de Gaia	1		51	51
Guarda	Trancoso	1	*	7	10
Aveiro	Oliveira do Barro	-		2	2
Viseu	Viseu	-		1	1
Coimbra	Coimbra	1	*	15	18
	Figueira da Foz	-		2	3
Leiria	Alcobaça	-		1	1
	Caldas da Rainha	2		27	27
	Nazaré	-		1	1
	Leiria	-		1	1
Santarém	Entroncamento	1	*	6	6
	Ferreira do Zêzere	-		1	1
	Torres Novas	0		0	6
	Mação	1	**	0	20
	Golegã	-		0	1
Lisboa	Torres Vedras	0		1	2
	Azambuja	-		1	1
	Mafra	1	**	6	13
	Loures	0		0	24
	Vila Franca de Xira	1	*	6	20
	Sintra	1		290	290
	Amadora	1		250	270
	Cascais	4		346	404
	Odivelas	1		50	50
	Oeiras	0		0	0
	Lisboa	7		821	1111
Setúbal	Almada	1	*	4	12
	Seixal	2		9	16
	Barreiro	-		0	1
	Moita	-		0	1
	Montijo	1		3	5
	Sesimbra	0		0	0
	Setúbal	1		47	49
	Palmela	0		0	5
Évora	Évora	-		0	1
	Redondo	-		2	2
Beja	Beja	-		1	1
Faro	Lagos	0		0	0
	Portimão	0		2	3
	Lagoa	0		4	5

	Silves	0	1	1
	Loulé	0	0	1
	Faro	0	0	0
	Olhão	0	1	1
	Ponta Delgada	1	11	11
	Povoação	2	*	5
RA Açores	Angra do Heroísmo	0	1	1
	Praia da Vitória	0	0	1
	Vila do Porto	0	0	1
RA Madeira	Funchal	0	0	2
	Machico	0	0	1
Total		33	1703	2391

* dormitório confirmado, mas sem localização exata

** dormitório por confirmar

3.2.1 VIANA DO CASTELO

No distrito de Viana do Castelo, as observações mais antigas reportadas da espécie em liberdade remontam a 2007, quando um indivíduo isolado foi observado em Ponte de Lima (Alexander 2007). Mais tarde, em 2014, observaram-se mais de 10 indivíduos no concelho de Caminha, no estuário do Minho (Leitão 2014). Já no concelho de Viana do Castelo, a primeira observação de periquito-de-colar em liberdade foi apenas em 2016 (Leitão 2016). No entanto, já em 2020, começaram a registar-se várias observações de 2 indivíduos na cidade de Viana de Castelo (Lecoq 2020, Cardoso 2020).

Durante a iniciativa de ciência-cidadã foram observados periquitos nos concelhos de Viana do Castelo e de Ponte de Lima. Durante as visitas de prospeção, em que foram visitados dois locais potenciais de dormitórios em Viana do Castelo (incluindo o Parque da Cidade), mas não foram observadas aves. De acordo com o conjunto da informação recolhida, estima-se que o núcleo de Viana de Castelo tenha entre 5 a 6 aves.

Tabela 6 | Registos da espécie no distrito de Viana do Castelo, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves.

Concelho	Número de registos	Número de aves	PortugalAves (registos)
Viana do Castelo	2	5-6	4
Ponte de Lima	1	2	-

3.2.2 BRAGA

Existem alguns registos históricos de indivíduos isolados observados nos concelhos de Esposende (Silva 2004, 2015) e Barcelos (Alexander 2007b). Já em 2020, mas antes da realização do censo, também já havia sido reportado um indivíduo observado em liberdade na cidade de Braga (Leitão 2020).

Durante a iniciativa de ciência-cidadã foram reportados periquitos em diversos pontos do concelho de Braga (figura 11), tratando-se geralmente de indivíduos isolados ou um par, mas existindo pelo menos um registo de três aves juntas. Também existe um registo recente submetido no PortugalAves, de apenas um indivíduo, no concelho de Vila Nova de Famalicão (Cruz 2022).

Tabela 7 | Registos da espécie no distrito de Braga, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos	Número de aves
Braga	7	2-3
Vila Nova de Famalicão*	1	1

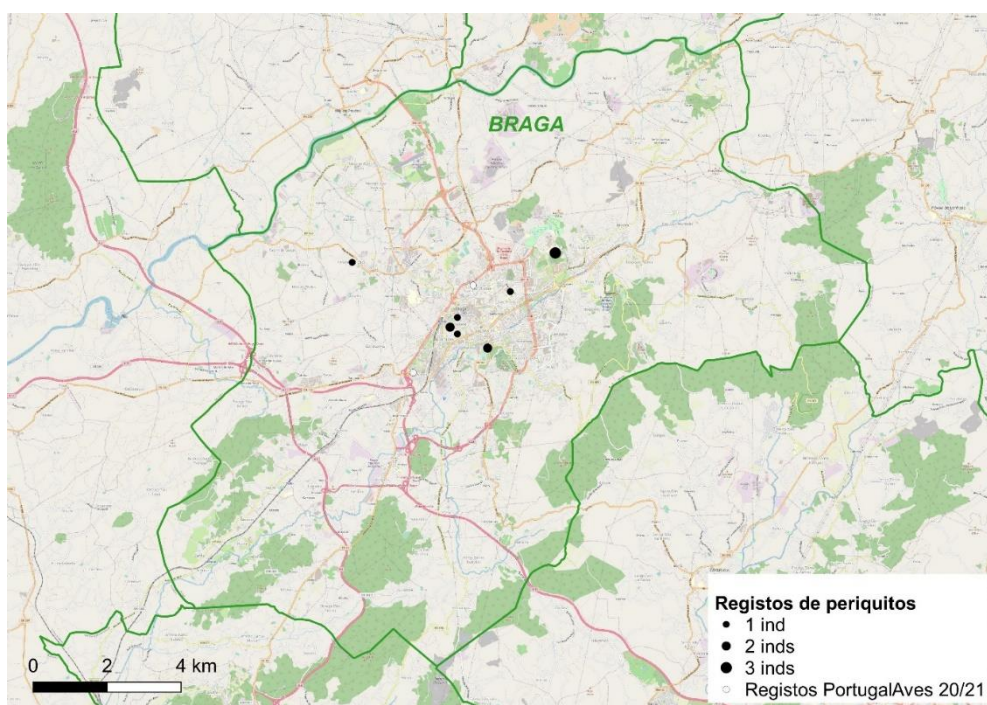


Figura 11 | Registos de periquito-de-colar no concelho de Braga em 2020-2021. Os registos da espécie reportados no PortugalAves no mesmo período, são também ilustrados.

3.2.3 BRAGANÇA

No distrito de Bragança existiam registos recentes (2018-19) da espécie na cidade de Bragança, no concelho homónimo. Esses registos apontavam para a ocorrência de um pequeno núcleo, constituído por 2-5 indivíduos (Silva 2019).

Durante as visitas de prospeção, conduzidas por uma equipa de observadores voluntários, foi observado apenas 1 indivíduo isolado em 2020 (figura 12) e não foi identificado nenhum local de dormida, apesar de se terem visitado um bom leque de locais potenciais.



Figura 12 | Macho de periquito-de-colar observado na cidade de Bragança
© Paulo Cortez

3.2.4 PORTO

O primeiro registo da espécie neste distrito ocorreu na cidade do Porto em 2005, mais precisamente no Parque da Cidade, quando 8 indivíduos foram observados em liberdade (SPEA 2005). Nesse mesmo ano, há pelo menos um registo de 4 periquitos na Foz do Douro (Matias 2009-10). Já nos concelhos limítrofes, como Maia, Gondomar e Matosinhos, os primeiros registos da espécie datam de 2011, 2012 e 2014 (Dias 2012, Matias 2012, Marques 2014), enquanto que em Vila Nova de Gaia o primeiro registo, de 3 indivíduos, ocorreu apenas em 2015 (Ferreira, 2015). Nessa zona, na freguesia de Arcozelo, em 2018 existia já uma observação de 20 aves (Borges, 2018). Apenas mais recentemente surgiram os primeiros registos da espécie nos concelhos de Valongo e Pareda (Melo 2018, Ferreira 2019).

Porto, Matosinhos e Maia

Foi identificado um dormitório no Parque da Cidade, tendo sido contabilizados 16 indivíduos, sendo que as aves variam o seu local de dormida entre duas zonas do Parque ao longo do ano (Luís Rodrigues, com. pes.). Esse dormitório tem por vezes a presença de algumas caturritas *Myiopsitta monachus*.

Muito provavelmente poderá existir algum outro dormitório de periquito-de-colar por identificar na área este da cidade, ou nos concelhos limítrofes, nomeadamente Maia onde o periquito-de-colar também é presença regular. Dada a proximidade, é provável que as aves observadas em Matosinhos pertençam ao núcleo que pernoita no Parque da Cidade.

Tabela 8 | Registos da espécie no distrito do Porto, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos	Número de aves	Aves no dormitório
Felgueiras	1	2	
Gondomar*	1	2	
Maia	4	4-7	
Matosinhos	4	2-4	
Porto	29	1-12	16
Póvoa do Varzim	1	1	
Valongo*	1	1	
Vila Nova de Gaia	5	3-25	51

Vila Nova de Gaia

Durante a iniciativa de ciência-cidadã foram reportados vários bandos de mais de 10 aves na freguesia de Arcozelo. No decurso dos trabalhos de prospeção do censo, visitaram-se diversos locais potenciais e identificou-se um dormitório precisamente na freguesia de Arcozelo, num eucalipto. Numa primeira contagem em 2020, foram contadas 31 aves, e na segunda contagem, em dezembro de 2021, contaram-se 51 periquitos a entrar no dormitório.

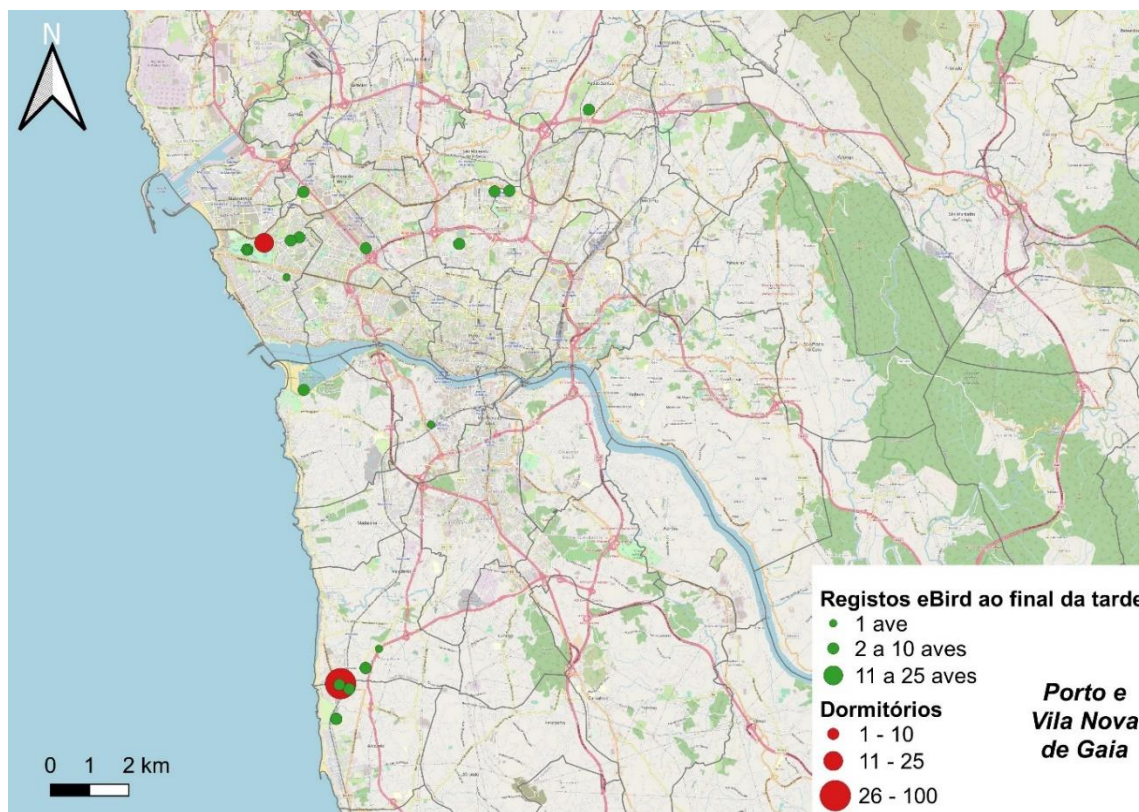


Figura 13 | Dormitórios de periquito-de-colar identificados nos concelhos do Porto e Vila Nova de Gaia em 2020-2021. Os registos da espécie ao final da tarde no outono/inverno reportados no PortugalAves são também ilustrados.



Outros concelhos

Já existiam registos da ocorrência de periquito-de-colar nos concelhos de Valongo e de Gondomar, continuando a haver registos no período do censo (Melo 2020).

No decurso da ação de ciência-cidadã, foram ainda reportadas observações de periquitos-de-colar em dois outros concelhos, não pertencentes à Área Metropolitana do Porto, Póvoa do Varzim e Felgueiras. Enquanto no primeiro caso tratou-se de um indivíduo isolado, no segundo caso estabeleceu-se um casal de periquitos numa freguesia rural de Felgueiras, sendo as aves observadas por um período superior a um ano, com tentativas de nidificação.

Figura 14 | Casal de periquito-de-colar observado na freguesia de Torrados, em Felgueiras © Vânia Martins

3.2.5 GUARDA

Antes de se iniciarem os trabalhos deste censo, existiam apenas registos de indivíduos isolados no concelho de Gouveia, em 2009 e 2017 (Brandão 2009, 2017).

Em janeiro de 2021 surgiram os primeiros registos de um núcleo em Trancoso (Leitão 2021), havendo vários outros registos posteriores no portal PortugalAves, com um máximo de 7 aves reportadas (Monteiro 2021). Através da ação de ciência-cidadã, surgiram também vários registos deste núcleo (tabela 10), quase sempre no Parque Municipal. Não foi realizada prospeção nem contagens de dormitórios neste concelho, pelo que a estimativa da população é baseada no número máximo de aves observadas em simultâneo, podendo existir uma subestimação deste núcleo.

Tabela 10 | Registos da espécie no concelho de Trancoso, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional

Concelho	Número de registos	Número de aves
Trancoso	4	2-10

3.2.6 VISEU

Historicamente, existem poucos registos de ocorrência da espécie no distrito de Viseu, destacando-se em 2002, a observação de 8 periquitos em voo sobre o IP3, no concelho de Tondela (Tenreiro 2002 IN Matias 2004). No entanto, não houve registos posteriores que tenham comprovado o estabelecimento de um núcleo em qualquer concelho deste distrito.

Durante a ação de ciência-cidadã não foram reportadas observações da espécie. No entanto, no outono de 2020, um único indivíduo (presumivelmente uma fuga de cativeiro) foi observado por diversas vezes no concelho de Viseu, sendo reportado no PortugalAves (Seixas 2020).

3.2.7 AVEIRO

Existem algumas observações históricas da espécie no distrito de Aveiro, nomeadamente nos concelhos de Ovar, Vagos e Aveiro, tratando-se sobretudo de indivíduos isolados (Doutor 2011, Ferreira 2018, Leite 2018) ou, nalguns casos, de dois indivíduos (Cardia 2001).

Não foram reportadas observações da espécie no decurso da ação de ciência-cidadã, mas recentemente foram observados dois indivíduos no concelho de Oliveira do Bairro (Canário 2021). Neste momento, mesmo não tendo sido realizado um esforço de prospeção dirigido, não existem evidências de um núcleo estabelecido neste distrito.

3.2.8 COIMBRA

Os primeiros registos da espécie no distrito de Coimbra remontam a 1999, em vários locais no concelho de Mira. A sua nidificação na zona de Mira foi observada em 2000 e 2001 e foi registado um dormitório com 20 aves em Mira em 2002 (Petronilho et al. 2004, Matias 2004). Apesar da sua dimensão, é provável que este núcleo tenha acabado por desaparecer, pois deixaram de haver registos nessa zona. Já na cidade e concelho de Coimbra, as observações da espécie ocorrem há cerca de 10 anos (Silva 2015b), e desde 2016 que são observados bandos de 3 aves ou mais (Lopes 2016). Outras observações esporádicas da espécie ocorreram nos concelhos da Lousã, Soure e Penela (Gonçalves 2005, Sampaio 2013, Lousa 2016).

Tabela 11 | Registos da espécie no distrito de Coimbra, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional

Concelho	Número de registos	Número de aves
Coimbra	8	1-18
Figueira da Foz	5	1-2

No âmbito da ação de ciência-cidadã foram reportadas várias observações da espécie nos concelhos de Coimbra e da Figueira da Foz. A maioria das observações na cidade de Coimbra decorreram no jardim botânico da Universidade de Coimbra e no jardim da Sereia. Já no concelho da Figueira da Foz, foram observados periquitos nas localidades da Figueira da Foz e de Alhadas. Estes resultados coincidem com os dados reportados recentemente no portal

PortugalAves, onde o maior bando observado em Coimbra foi de 15 periquitos (Cardoso 2020) e pelo menos 3 aves foram observadas na Figueira da Foz. Durante a prospeção não foi possível determinar a localização exata do dormitório, embora as aves fossem observadas ao fim da tarde na zona do Jardim Botânico. Por esse motivo, é possível que o tamanho populacional deste núcleo esteja subestimado.

3.2.9 LEIRIA

No distrito de Leiria, e mais concretamente no concelho das Caldas da Rainha existia um núcleo populacional de periquitos, com registos conhecidos pelo menos desde 2011 (Ramalho 2011). Noutros concelhos do distrito, como Alcobaça, existem igualmente alguns registos históricos de indivíduos isolados (Reis 2004).

Durante a iniciativa de ciência-cidadã, foram partilhadas 9 observações da espécie, praticamente todas no Parque Dom Carlos I nas Caldas da Rainha e reportando um máximo de uma dúzia de aves vistas em simultâneo (tabela 12). Durante os trabalhos de prospeção e censo, foram identificados dois dormitórios e contaram-se 27 periquitos, tendo a contagem sido incompleta (algumas aves poderiam já ter saído para o outro dormitório). Foram ainda observados indivíduos isolados na Nazaré, assim como nos concelhos de Alcobaça (Reis 2021) e Leiria (Tomás 2021).

Tabela 12 | Registos da espécie no distrito de Leiria, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos	Número de aves	Aves no dormitório
Alcobaça *	1	1	
Caldas da Rainha	9	2-12	27 +
Leiria *	1	1	
Nazaré	1	1	

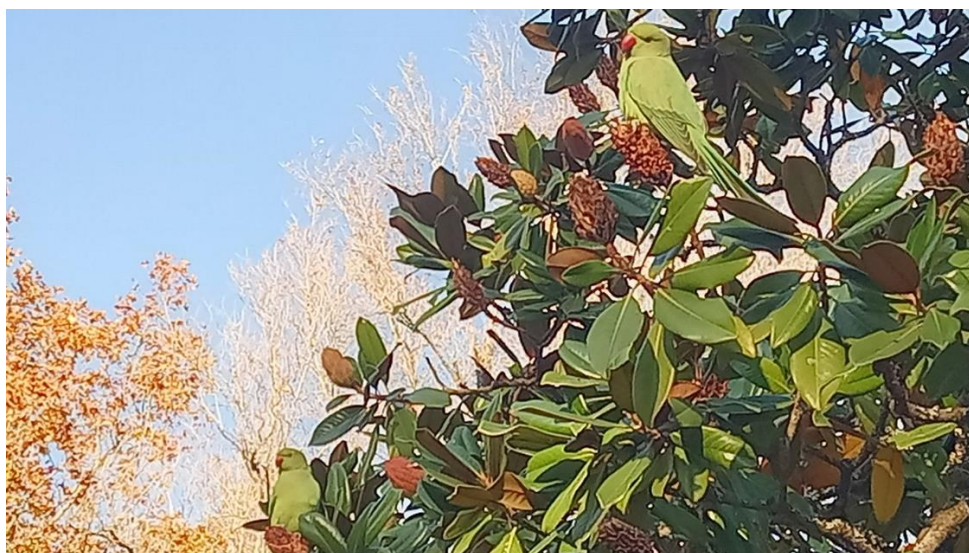


Figura 15 | Bando de periquitos-de-colar observado numa Magnolia no Parque Dom Carlos I nas Caldas da Rainha © Cláudia Rocha

3.2.10 SANTARÉM

Existem diversos registos históricos da espécie no distrito de Santarém. Os primeiros registos de periquitos nesta região têm cerca de 20 anos e correspondem a observações em Torres Novas (Noivo 2000), no Entroncamento e Benavente (Blomdahl 2000, Noivo 2002 in Matias 2004). Embora a maioria destas observações sejam de apenas 1 ou 2 indivíduos, foi observado em 2002 na Quinta da Cardiga (concelho da Golegã) um bando de 13 periquitos (Rodrigues 2002). Na verdade, a maioria destas observações ocorreu num raio de poucos quilómetros, pelo que é provável que se tratassem das mesmas aves. Em 2005, existe um registo de 5 aves em Santarém (SPEA 2005b); em 2007, de um indivíduo em Coruche (Guilherme 2007) e em 2010, de 4 periquitos nas Lagoas da Azinhaga, Golegã (Leitão 2010) e um indivíduo em Vila Nova da Barquinha. Em 2008, o núcleo de Torres Novas foi estimado em cerca de 20 periquitos (Matias 2008), mas entre 2011 e 2017 não foram reportadas mais observações da espécie na região. No Entroncamento, os observadores locais notaram uma regressão da espécie desde 2005, passando a existir apenas observações muito esporádicas (Ricardo Salgueiro, com. pes.). Entre 2018 e meados de 2020, antes do início do censo, houve três registos esporádicos no distrito: um indivíduo isolado em Tomar e 1-2 indivíduos no Entroncamento (Santos 2018, Salgueiro 2019, Martins 2020).

Durante o planeamento do censo, não se deu prioridade à prospeção de dormitórios neste distrito, devido à ocorrência esporádica da espécie no período que antecedeu o censo. No entanto, durante a ação de ciência-cidadã foram registados periquitos-de-colar nos concelhos do Entroncamento, Torres Novas e Mação (tabela 13). Também no período do censo, foram reportadas no PortugalAves diversas observações de periquitos no Entroncamento e em Torres Novas (e.g., Lopes 2021), existindo também uma observação recente de um indivíduo isolado em Ferreira do Zêzere (Campbell 2021). Devido à falta de esforço de prospeção não foi possível determinar a localização do dormitório do Entroncamento nem efetuar contagens precisas desse núcleo. Dada a proximidade entre Torres Novas e o Entroncamento, também não foi possível confirmar que se tratam de núcleos distintos, e isso foi tido em conta na estimativa (ver tabela 3). Da mesma forma não foi possível confirmar a identificação do dormitório em Mação, o que foi tido em conta para as estimativas populacionais, pese embora se tenha considerado a observação válida, pela descrição da espécie e do seu comportamento.

Tabela 13 | Registos da espécie no distrito de Santarém, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves

Concelho	Número de registos CC	Número de registos no PortugalAves	Número de aves
Entroncamento	2	7*	2-6
Ferreira do Zêzere*	-	1	1
Mação	1	-	20
Torres Novas	1	1*	1-6

3.2.11 LISBOA

Torres Vedras, Mafra e Azambuja

Em 2012, ocorreu um registo de 2 periquitos em liberdade na Póvoa de Penafirme, Torres Vedras (Abreu 2012). Mais recentemente, em 2020, observadores reportaram a espécie nos concelhos de Azambuja (Paúl de Manique) e na Póvoa da Galega, em Mafra (Caiado 2020, Leitão 2021), não podendo descartar-se a hipótese de serem fugas de cativeiro.

Durante a iniciativa de ciência-cidadã, tivemos vários registos da espécie nos concelhos de Torres Vedras e Mafra (3 registos em cada um dos concelhos). Em Torres Vedras trataram-se sempre de indivíduos isolados, observados em locais distintos do concelho, pelo que não há suspeitas de que exista um núcleo populacional na região. Já em Mafra, as observações foram de pequenos bandos, que variavam entre 2 e 6 indivíduos. Foi reportado um pequeno dormitório, mas não foi possível verificá-lo por falta de informação relativamente à sua localização. Não foi realizada prospeção de dormitórios neste concelho.

Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

Existem alguns registos históricos da espécie nos concelhos de Vila Franca de Xira e de Loures. Por exemplo, em 2000, 3 indivíduos foram observados nas salinas de Alverca e uma ave foi observada nas lezírias em 2003 (Matias 2003, Matias 2006). O primeiro registo conhecido em Loures é de 2001, quando uma ave foi vista em S. Antão do Tojal (Santos 2001). No entanto, é notório que houve um incremento mais significativo dos registos da espécie ao longo da última década (PortugalAves 2021), possivelmente devido a uma expansão natural da espécie. O mesmo se verifica para o concelho de Odivelas, sendo que o primeiro registo da espécie é de 2012 (Vieira 2012).

Durante a iniciativa de ciência-cidadã, ocorreram muitos registos no concelho de Vila Franca de Xira, a maioria dos quais na Póvoa de Santa Iria (59%), mas também no Sobralinho, Alverca, Forte da Casa e Vila Franca de Xira. Em Odivelas, também houve bastantes registos, a maioria em Odivelas (77%) mas também na Póvoa de Santo Adrião. No concelho de Loures, dois dos locais com mais registos são Loures e Santo António dos Cavaleiros, onde foram observadas até 6 e 15 aves juntas, respetivamente. É muito provável que estes bandos observados em Santo António (ou uma parte deles) sejam as mesmas aves que habitualmente se observam na Póvoa de Santo Adrião, dada a proximidade. Também em Sacavém e nas suas proximidades (Portela, Bobadela) existem registos regulares da espécie e foram observadas até 15 aves juntas.

Durante os trabalhos de prospeção, verificou-se a presença da espécie no Parque Municipal da Quinta da Piedade, na Póvoa de Santa Iria, onde várias aves se juntam para se alimentar. Este é também um dos locais mais reportados pelos cidadãos e onde também existem registos regulares da espécie (Caratão 2013), e apesar de confirmarmos a presença dos periquitos ao fim da tarde, também se confirmou que não pernoitaram nesse local. A maioria das aves, depois de se alimentar ou se juntar em pequenos bandos, seguia no sentido de Lisboa, pelo que é plausível que se dirijam a um dormitório na cidade de Lisboa, ou a algum outro dormitório desconhecido que se encontre numa

localização nessa direção. No entanto, mais perto do fim do dia, observou-se um bando a ir na direção oposta, o que sugere que poderá mesmo existir um dormitório neste concelho, mesmo que seja usado por menos aves ou de forma irregular. Existem alguns locais suspeitos de dormitórios, nomeadamente em Sacavém e no Sobralinho, que não foram possíveis visitar. De referir ainda que nos jardins do Seminário do Cristo rei dos Olivais, em Moscavide, são observadas muitas aves ao fim da tarde, mas as observações realizadas indicam que poderá ser sobretudo um local de alimentação e passagem. No entanto, é recomendável a prospeção mais exaustiva deste local, uma vez que não nos foi concedida permissão para aceder a toda a extensão dos jardins. No concelho de Odivelas, a observação de bandos na fronteira entre a Póvoa de Santo Adrião e Odivelas foi frequente, dando a impressão de que as aves se agregam nessa zona para, ao fim do dia, saírem na direção do Campo Grande, onde há um grande dormitório, havendo também evidências de nidificação nessa zona (com. pes. Camila Rodrigues). O único dormitório identificado da espécie neste concelho, está localizado em Odivelas e alberga meia centena de aves. Este dormitório, num plátano, foi contabilizado apenas uma vez.

Tabela 14 | Registos da espécie nos concelhos de Vila Franca de Xira, Loures e Odivelas, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional.

Concelho	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	Número de aves no dormitório
Loures	15	24	-
Odivelas	23	20	50
Vila Franca de Xira	22	20	-

Amadora

Em 2002, foi reportado um bando de 11 periquitos em voo no Borel, com direção S/SE e vindos de Queluz (Matias 2004), sendo esse um dos registos mais antigos da espécie no concelho. Apesar de não existirem muitos registos regulares no concelho alguns observadores foram reportando bandos de alguma dimensão (10-40 aves), alguns deles observados ao fim ou início do dia (Pereira 2012, Matias 2014, Tissot 2014, Lourenço 2015b).

Na iniciativa de ciência-cidadã foram reportadas poucas observações da espécie no concelho da amadora (tabela 15), mas houve observações de alguns bandos de grande dimensão e pelo menos duas ou três localizações suspeitas de dormitórios. Durante os trabalhos de prospeção, foi “descoberto” um dormitório importante na Damaia, em dezembro de 2020, depois de recebida uma informação casual da presença de muitas dezenas de aves perto do estádio do Sport Futebol Damaiense. Este dormitório, composto por dois ou três eucaliptos de grande dimensão, junto a uma escola, albergava bem mais de uma centena de aves (contagem incompleta), que chegaram em bandos de 5/6 aves, muito provavelmente da Amadora e de concelhos limítrofes, incluindo Oeiras (muitas aves vinham de sul) e Sintra. Numa segunda visita, algumas semanas depois, constatou-se que tinha decorrido o abate dos eucaliptos desse dormitório.

Apesar da destruição do dormitório, foi possível verificar que as aves mudaram o local de pernoita para outro eucalipto, também na Damaia, distanciando apenas algumas centenas de metros do dormitório anterior. Entretanto, no outono de 2021/22, a partir de observações partilhadas por participantes da ação de ciência-cidadã, verificou-se que as aves estariam a usar um outro local de dormida (a ca de 1km), também num conjunto de eucaliptos, noutra freguesia do concelho da Amadora. Nesse local foram contabilizados 240 periquitos, embora tenha sido considerada uma contagem incompleta, pois alguns indivíduos (poucas dezenas) ficaram num plátano de uma praceta anexa. No fim de semana do censo (11-12 de dezembro), verificou-se que as aves já não estavam a usar esse terceiro dormitório, tendo sido encontrados no dormitório da Damaia e sido efetuada uma contagem completa, de 270 aves.



Figura 16 | Periquitos no dormitório da Amadora, um eucalipto na zona da Damaia, em dezembro de 2020 © Ana Almeida

Tabela 15 | Registos da espécie no concelho da Amadora, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional.

Freguesia	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	Número de aves no dormitório
Águas Livres	7	125	270
Alfragide	1	10	
Mina de Água	2	10	
Venteira	5	100	240+

Sintra

Existem diversos registos antigos da espécie no concelho de Sintra, em Queluz e no Algueirão (Machado 2001, Ramalho 2001). Em 2002/03 já eram avistados bandos de algumas dezenas de indivíduos nos jardins do Palácio de Queluz (Pereira 2003, Matias 2004) e estava confirmada a nidificação da espécie no local. Entre 2010 e 2015, já existiam zonas do concelho onde a observação da espécie seria bastante regular, sobretudo entre Massamá e Queluz (PortugalAves 2021). De notar que as observações de bandos ao fim da tarde, ou início da manhã, indicavam que um possível local de dormida seria na direção de Massamá-Queluz (Lourenço 2014, 2014b).



Figura 17 | Periquitos a juntarem-se a caminho do dormitório na Serra das Minas, Mem-Martins, dezembro de 2021 © Pedro Conceição

Este foi um dos concelhos onde houve mais registos submetidos pelos cidadãos ($n = 51$), sobretudo nas freguesias de Rio de Mouro (33%), Algueirão e Mem-Martins (20%) e Queluz e Belas (20%). Houve um dormitório identificado durante as visitas de prospeção, na Serra das Minas (Rio de Mouro) que depois foi também reportado por diversos cidadãos. Muitos das observações ao fim do dia, enviadas pelas pessoas, eram também de aves a juntarem-se ou em passagem em zonas próximas deste dormitório, na mesma freguesia e nas freguesias vizinhas (Cacém, Mem-Martins). Na parte oeste do concelho, em Queluz, também foram reportadas várias dezenas de aves, algumas vezes em voo na direção da Amadora. Estas observações coincidem com as efetuadas na visita de prospeção aos jardins do Palácio de Queluz, quando se observou a chegada de aves vindas de Sul e de Este, que depois de se juntarem nalgumas árvores, voaram na direção da Amadora, provavelmente para o dormitório identificado nesse concelho. Uma observação na Quinta de Queluz em janeiro de 2022, reportada no PortugalAves, indica a passagem de bandos (76 aves no total) para Este ao fim do dia (Pereira 2022), em linha com o referido acima. O único dormitório identificado no concelho de Sintra alberga quase 3 centenas de periquitos e, de acordo com as nossas observações, deverá ser usado de forma alternada com outro local (ou locais) de dormida, que não foi possível identificar.

Tabela 16 | Registos da espécie no concelho de Sintra, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves* (máx. aves observadas em 2020-22).

Freguesia	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	PortugalAves	Número de aves no dormitório
Algueirão e Mem-martins	8	35		-
Almargem do Bispo, Pêro Pinheiro e Montevar	1	6		-
Cacém e São Marcos	6	30		-
Colares	1	1		-
Massamá e Monte Abraão	4	8	*23	-
Queluz e Belas	9	50	*76	-
Rio de Mouro	17	50		290
S Maria e S Miguel, S Martinho e S Pedro de Penaferrim	2	20		-

Oeiras

O concelho de Oeiras é um dos locais do país onde a espécie ocorre com maior regularidade e há mais tempo, existindo diversos registos históricos e observações de bandos desta espécie na Terrugem, Paço de Arcos e em Oeiras (Vieira 2000, Morais 2002, Guedes 2002). Alguns dos locais onde a espécie pode ser regularmente observada, há mais de uma década, são os jardins do Palácio do Marquês de Pombal, a Estação Agronómica de Oeiras e o Jamor (Vieira 2000, Tomé 2005, SPEA 2005c, Travassos 2007)

Durante a ação de ciência-cidadã, foram recebidos 68 registos da espécie (tabela 17), a maioria dos quais (53%) na freguesia de Oeiras (sobretudo em Oeiras e Paço de Arcos). Os maiores bandos avistados ao fim da tarde e reportados nesta iniciativa ocorreram em Oeiras, Paço-de-Arcos e Carnaxide. Apesar da presença importante da espécie no concelho de Oeiras, de haver alguns locais referenciados como potenciais dormitórios invernais, e de ter sido feito um grande esforço de prospeção (mais de 3 dezenas de locais visitados), não foi identificado nenhum dormitório durante as visitas de prospeção. O jardim municipal de Oeiras e os jardins do Palácio do Marquês de Pombal reúnem algumas aves ao final da tarde, que foram observadas a sair para norte/nordeste, mas também para este. Existem registos de alguns bandos grandes na Figueirinha e em Paço de Arcos e não é improvável que possa existir algum dormitório nesta área do concelho. No entanto, também existem observações de bandos a atravessar o vale da Terrugem (para este) e as aves observadas ao fim da tarde em Caxias e no Jamor parecem deslocar-se para norte ao longo do vale do Jamor. Um local referenciado como provável dormitório, o jardim da Nossa Senhora da Rocha, foi confirmado como local de passagem onde as aves, vindas do vale do Jamor, se concentram, partindo depois em direção à Amadora. Também foram vistos pequenos bandos a passar na mesma

direção, sem parar nesse local. É bastante provável que muitas destas aves, vindas de Caxias, Algés, vale do Jamor, subam por Carnaxide em direção ao dormitório da Amadora. Uma observação casual, em fevereiro de 2022 no Centro Cívico de Carnaxide, confirmou a passagem ao final do dia de vários pequenos bandos e indivíduos isolados (33 periquitos em 15 min) vindos de oeste/sudoeste e indo na direção nordeste, na direção da Damaia/Reboleira (Alonso 2022), onde um dormitório de grande dimensão foi identificado. Na fábrica da pólvora de Barcarena também foi registada a passagem de aves em direção a Tercena. É de salientar que existe um dormitório grande em Rio de Mouro, assim como o dormitório da Amadora, e pela rota das aves e distância a esses dormitórios, não podemos descartar a hipótese de que essas aves fossem para um desses dormitórios.

Deste modo, é evidente que no período invernal muitas das aves que ocorrem no concelho de Oeiras, pernoitam num dos 3 dormitórios (Parede, Serra das Minas e Reboleira) que existem em 3 concelhos limítrofes, mas suficientemente perto e sendo que esses dormitórios albergam muitas centenas de aves. Por outro lado, não é de descartar que exista um dormitório por identificar e que alguns dos locais (Jardins do Palácio do Marquês de Pombal, Santuário de Nossa Sra da Rocha) possam ser usados ocasionalmente como locais de dormida no período invernal, pois é notório que são locais onde as aves se concentram ao fim do dia e podem ser locais de dormida alternativos.

Tabela 17 | Registos da espécie no concelho de Oeiras, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves* (máx. aves observadas em 2019-22).

Freguesia	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	PortugalAves	Número de aves no dormitório
Algés, LV e CQ-Dafundo	15	12	30*	-
Barcarena	9	12		-
Carnaxide e Queijas	8	25	33*	-
Oeiras, P Arcos, Caxias	36	40	68*	-

Cascais

O periquito-de-colar é observado no concelho de Cascais, pelo menos desde 1993, quando 5 periquitos foram observados no jardim da Parada, próximo do Parque Marechal Carmona (Travassos 1993), Já em 2002, foram observadas 2 e 12 aves, perto do Cabo Raso (Pedroso e Santos 2002, Silva 2002). O primeiro dormitório reportado neste concelho foi localizado no Parque Marechal Carmona em 2013 e reunia 15 periquitos (Magro 2013), apesar de não ser conhecida a sua localização exata. Também na zona de Carcavelos foi observado um bando de 15 aves em 2012 (Sampaio 2012). Na última década tornaram-se mais frequentes as observações de mais de uma dezena de aves no Parque Marechal Carmona e área envolvente, assim como no Estoril e na Parede (PortugalAves 2022).

Durante a iniciativa de ciência-cidadã foram reportadas 118 observações de periquito-de-colar, a maioria delas no concelho de Cascais. A maioria dos bandos de maior dimensão foram observados perto do centro de Cascais, mas também em São Pedro do Estoril. A segunda freguesia com mais observações foi a de Carcavelos e Parede, onde as maiores concentrações de aves (> 10 aves) foram observadas nos jardins da Quinta da Alagoa e no centro da Parede. Finalmente, no concelho de Alcabideche, os bandos maiores foram observados em Manique e na Castelhana. Este foi um dos concelhos com mais esforço de prospeção, com mais de 3 dezenas de locais visitados, a maioria deles visitados mais do que uma vez. No inverno de 2020/21 foi identificado um dormitório num eucalipto no Parque Marechal Carmona, usado por cerca de 20 aves. Em visitas posteriores, percebeu-se que este núcleo deverá usar este dormitório e possivelmente outros locais de dormida próximos. Um outro dormitório, com 40 periquitos, foi identificado numa área habitacional no Alto da Castelhana. Numa segunda visita, verificou-se que já não estaria a ser usado como local de dormida, de forma que não havendo certeza de que estas aves não estivessem a usar outro dormitório monitorizado, os números deste local não foram considerados para a estimativa máxima da população. No centro da Parede, para onde se parecem dirigir aves oriundas de São Pedro do Estoril e também vindas de Este, foram detetados dois dormitórios. O primeiro, de pequena dimensão, é localizado no Jardim Ruy Athouguia, e os números presentes apresentam algumas oscilações. Já o segundo dormitório, nos Jardins do Buzano, que está já dentro dos limites da freguesia de São Domingos de Rana, reúne cerca de trezentas aves.

Tabela 18 | Registos da espécie no concelho de Cascais, em 2020–2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional.

Freguesia	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	Número de aves no dormitório
Alcabideche	27	40	40
Carcavelos e Parede	33	50	25
Cascais e Estoril	48	30	21
São Domingos de Rana	9	18	318

Lisboa

Na cidade de Lisboa, os primeiros registos conhecidos desta espécie datam do final dos anos 80, quando um dormitório foi detetado no Jardim da Estrela, sendo que na década de 90 ocorriam no local bandos de 20 a 30 indivíduos (Matias 2008). Existem também registos de vários indivíduos ao longo dessa década em outros locais da cidade, como a Tapada da Ajuda, Jardim da Estrela e no Parque da Belavista (Reino 1992, 1993, 1995, Osterby 1998). Em 1999 já eram contabilizadas meia centena de aves no dormitório da Estrela e, em 2002, 154 aves foram contadas nesse dormitório (Matias 2002, 2004). Finalmente, em 2003, foram contados 203 periquitos no dormitório da Estrela (Matias 2008). Entre 2001 e 2010, foram sendo observados bandos grandes (>10 aves) em locais como o Jardim da Estrela, Jardim Botânico, Jardim do Campo Grande, Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, Alto de São João e Quinta

da Granja (MacKay 2008, Lourenço 2009, Fernandes 2010, Wedderbrun 2010). Nesse período, estabeleceu-se um outro dormitório no Campo Grande. Em 2004, já eram detetados cerca de 40 periquitos a usar os eucaliptos do Campo Grande como local de pernoita (Reino e Santana 2004). Em 2011, na zona de Benfica, terá sido detetado um dormitório nas proximidades (Fernandes 2011b, 2011c) tendo em 2012 sido contadas 67 aves a deslocarem-se para o mesmo (Fernandes 2012). Ao longo da última década, o número de aves a utilizar o dormitório do Campo Grande também foi aumentando, atingindo as 644 aves em 2015 e as 676 em 2017 (Luna et al. 2016, Gordinho 2017), ao passo que o dormitório da Estrela deixou de ser utilizado (Luna et al. 2016). Nestes últimos 10 anos, concentrações elevadas de periquitos (> 30 aves) foram sendo observadas nas imediações do Campo Grande (Fernandes 2011d, Vieira 2015), na Quinta das Conchas, no parque José Gomes Ferreira, no parque Eduardo VII, nos jardins da Gulbenkian, assim como no Parque Bensaúde e em Benfica (Fernandes 2012, Moreira 2017, Berkemeier 2018b, Fernandes 2020), entre outros locais.



Figura 18 | Periquito-de-colar observado em Marvila, sem data exata (entre 2020 e 2021) © Inês Jesus

O concelho de Lisboa foi onde foi reportado o maior número de observações de periquito-de-colar, pelos cidadãos (n = 262). Destaque para o grande número de registos, assim como o máximo de aves observadas, em Alvalade, onde se encontra um grande dormitório, assim como em freguesias onde parecem existir rotas de passagem de aves em direção a esse dormitório. sobretudo ao fim da tarde (e.g., Avenidas Novas, Lumiar, Areeiro, Olivais).

Tabela 19 | Registos da espécie no concelho de Lisboa, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves *(máx. aves observadas em 2020-22).

Freguesia	Número de registos CC	Máx. aves observadas CC	PortugalAves	Número de aves no dormitório
Alcântara	9	50		
Ajudá	2	25		
Alvalade	45	50	150*	740
Areeiro	17	100		47
Arroios	15	30	35*	
Avenidas Novas	48	75		
Beato	2	6		
Belém	6	5	15*	
Benfica	4	10	23*	8 + 6
Campo de Ourique	1	14	29*	
Campolide	1	18		
Carnide	11	20	50*	296
Estrela	14	10	17*	6
Lumiar	16	50		
Marvila	13	25		
Misericórdia	2	2	5*	
Olivais	17	11	47*	
Parque das Nações	5	8		
Penha de França	4	10		
Santa Clara	1	5		
Santa Maria Maior	2	25		
Santo António	9	20	47*	
São Domingos de Benfica	10	12	17*	8
São Vicente	6	20	68*	-

Os trabalhos de prospeção de dormitórios levaram à deteção de alguns dormitórios de pequena dimensão (em Benfica, na Estrela e em São Domingos de Benfica) que, pela dimensão, poderão corresponder a grupos familiares. Também foram identificados dormitórios maiores, nomeadamente o de Carnide (com 3

centenas de aves) e um no Areeiro (com meia centena de aves). O dormitório de Carnide, localizado em 2 plátanos numa zona residencial dessa freguesia (figura 19), poderá corresponder ao dormitório de Benfica reportado em 2011-12 (acima referido), cuja localização exata desconhecíamos. De forma coincidente, um morador local referiu que as aves usariam aquela zona de dormida há pelo menos 10 anos atrás. Quanto ao dormitório do Areeiro, um eucalipto isolado na periferia do Parque Urbano do Vale da Montanha, foi descoberto no final dos trabalhos de prospeção, mas parece estar localizado numa rota de passagem de aves para o Campo Grande.



Figura 19 | Dormitório de periquitos-de-colar em Carnide © Hany Alonso

Finalmente, o dormitório do Campo Grande, localizado em eucaliptos, foi contado duas vezes, no final do outono de 2020 e de 2021. Na primeira contagem, foram contadas 568 aves, embora houvesse um segundo bando noutros eucaliptos próximos que levou a que a estimativa total fosse de 740 periquitos. Já no segundo inverno, foram contadas 454 aves. Não é possível aferir as razões para o menor número de aves presente no dormitório em 2021. É verdade que, no outono de 2021, foram identificados dormitórios localizados em rotas de passagem para o Campo Grande (Odivelas e Areeiro), e que estes e outros locais não identificados poderiam estar a ser usados de forma alternativa por aves que antes usassem o dormitório do Campo Grande. Também em Carnide, na contagem de dezembro de 2021, foram observadas menos aves (ca de 40) que o habitual, pois em dezembro de 2020 e setembro de 2021, eram na ordem das centenas. Não temos a certeza do local de dormida das aves desse núcleo na data da contagem de 2021 (12-12-2021), uma vez que nesse mesmo dia, no Campo Grande também foram contadas menos aves. No entanto, pelo comportamento dos núcleos de outros locais (Amadora, Sintra), consideramos que o mais plausível é que existam locais de dormida alternativos, que as aves por vezes utilizam. Parece também plausível a hipótese de que o dormitório do Campo Grande tenha atingido

uma dimensão significativa e que outros dormitórios próximos estejam a ser utilizados de forma mais regular.

Foram visitados bastantes locais de dormida potenciais no concelho de Lisboa. Apesar do bom esforço de prospeção, houver diversos locais que não foi possível visitar ou prospetar de forma completa, por falta de permissão, de capacidade ou de tempo.



Figura 20 | Dormitórios de periquitos-de-colar na Área Metropolitana de Lisboa

3.2.12 SETÚBAL

Os primeiros registos de periquitos-de-colar em liberdade neste distrito ocorreram em 1999, mais precisamente no seminário de São Paulo em Almada (Estevens 1999), passando a ser regulares as observações de 1 ou 2 indivíduos nessa área nos anos seguintes (Matias 2003). Também no concelho de Sesimbra existem diversos registos históricos, nomeadamente na Lagoa de Albufeira onde 3 aves foram observadas em dezembro de 2002 (SPEA 2003). Também nessa altura, existe um registo de um indivíduo na Lagoa de Santo André, no concelho de Santiago do Cacém (Guerreiro 2003). Ao longo da primeira década do séc. XXI, de forma esporádica, a espécie começou a ser registada noutros concelhos, como Alcochete, Seixal e Setúbal (Rodrigues 2005, Gordinho 2006, Belo 2008, Tavares 2008). Destaque para uma observação de 11 aves no concelho de Sesimbra em 2015 (Santos 2015), que pela distância (< 12 km). Mais recentemente, nos concelhos de Almada e Seixal, o maior número de aves

reportado foi de 9 e 4 aves (Berkemeier 2018, Batista 2020). Também no Montijo passaram a existir registos regulares desta espécie, tendo-se observado 3 aves em 2017 (Godinho 2017). Apesar do primeiro registo na cidade de Setúbal ser de 2005, apenas a partir de 2018 começaram a ser reportados bandos desta espécie na cidade (PortugalAves 2021), tendo sido observados até 11 periquitos juntos em 2019 (Raposo 2019).

A partir da iniciativa de ciência-cidadã, recebemos 37 registos da espécie, a maioria dos quais (54%) proveniente do concelho de Setúbal, onde também foram reportados os maiores bandos (tabela 20). A partir dos trabalhos de prospeção foram identificados 4 dormitórios neste distrito, 2 no Seixal, 1 no Montijo e 1 em Setúbal. Existe ainda um quinto dormitório, no concelho de Almada, embora não tenha sido possível determinar a sua localização exata. As observações da espécie nesse concelho apontam para que agregue pelo menos uma dúzia de aves, embora este valor possa ser uma subestimativa. Os dormitórios do Seixal são de pequena dimensão e estão relativamente perto um do outro, pelo que é possível que existam aves que alternem entre os dois. O dormitório do Montijo, também de pequena dimensão, é o mais recente, tendo sido detetado apenas em 2017. Estes dormitórios de pequena dimensão parecem corresponder a locais de nidificação. O maior núcleo populacional é o de Setúbal com cerca de meia centena de periquitos e que reúne as aves que se encontram na cidade de Setúbal e na sua periferia. É provável que os periquitos frequentemente observados ao fim da tarde ou ao início da manhã na Mourisca (Leitão 2021, Miguel 2022), assim como as aves observadas nos vizinhos concelhos de Palmela e Sesimbra, se juntem neste dormitório.

Tabela 20 | Registos da espécie no distrito de Setúbal, em 2020-2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos CC	Número de aves	Aves nos dormitórios
Almada	5	1-12	-
Barreiro*		1	
Moita*		1	
Montijo	6	2-5	3
Seixal		1-7	5 + 8-11
Sesimbra*		-	
Setúbal	20	1-25	47-49
Palmela	6	2-5	-

3.2.13 ÉVORA

Existem poucos registos históricos de periquito-de-colar no distrito de Évora. Em 2002 foram observados 2 periquitos na cidade de Évora (Cetry 2002 IN Matias 2004) e em 2014 foi vista uma ave em Montemor-o-Novo (Ceia 2014). Antes do censo, existiam registos recentes (2019-20) de um indivíduo isolado na cidade de Évora, uma provável fuga de cativo (Lourenço 2019, Safara 2020).

Através da iniciativa de ciência-cidadã foi reportada a observação de dois periquitos no concelho de Redondo.

3.2.14 BEJA

Antes do censo não eram conhecidos muitos registos da espécie no distrito de Beja. Apenas existiam dois registos de indivíduos isolados, no concelho de Castro Verde em 1999 (Tomé 1999 IN Matias 2003) e, mais recentemente, no concelho de Odemira (Martins 2019).

No decurso da iniciativa de ciência-cidadã foi reportada a ocorrência de um indivíduo isolado em outubro de 2021 no concelho de Beja, uma provável fuga de cativo. De notar que o observador relatou que a ave é observada há mais de 2 anos.

3.2.15 FARO

Na região do Algarve, os registos mais antigos desta espécie exótica são de 1995 e 1997, de indivíduos isolados observados em Portimão (Keyes 1995, Fonseca 1997). Neste concelho foram havendo registos de periquitos em liberdade ao longo dos anos, embora a irregularidade das observações, e o facto de se tratarem sobretudo de indivíduos isolados, observados esporadicamente, sugira que não se tenha chegado a estabelecer um núcleo (e.g., Felgueiras 2004, Rethoré 2010). Já em 2007 e 2011, na ria de Alvor foram mesmo observadas 2 e 3 aves (Leitão 2007, Matias 2010, Matias 2012). Nos concelhos limítrofes, de Lagos e Lagoa, também têm sido observados esporadicamente 1 a 2 indivíduos, até em anos mais recentes (e.g., Amma 2018, Hawker 2019). Pelo menos entre 2002 e 2012, terá existido um pequeno núcleo nos concelhos de Loulé e Faro (Matias 2004). Em 2002, 5 indivíduos foram observados em Vale de Lobo, com pelo menos um registo de reprodução confirmado em Loulé (Matias 2004). No ano seguinte, em 2003, 8 indivíduos foram observados em Vilamoura (Matias 2005). Já em 2006 e 2008, pelo menos 3 periquitos foram observados em Loulé e Almancil, respetivamente (Pereira 2008, Matias 2010), assim como ocorreu uma observação de 1 ave isolada em Monchique (SPEA 2006). Em 2012, foram observados 12 periquitos em Faro (Linkowski 2012), sendo que desde aí apenas se foram registando indivíduos isolados nos concelhos de Faro e Loulé (e.g., Correia 2017). Outras observações de indivíduos isolados são também conhecidas nos concelhos de Silves, Tavira e Vila Real de Santo António (Nicolau 2011, Correia 2016, Elias 2017).

Já no decurso deste censo, foram reportadas diversas observações de periquitos na ação de ciência-cidadã, nomeadamente nos concelhos de Lagoa e de Portimão (tabela 21). Para além destas observações, houve também diversas observações de periquitos (1 a 2 indivíduos) reportadas no PortugalAves, em Portimão, e sobretudo na zona da Prainha (e.g., Silva 2021). Para além dos concelhos acima referidos, foram também observados periquitos isolados (prováveis fugas de cativo) em Silves, Loulé e Olhão (Davis 2021, Tomás 2021b, Santos 2022). Nos trabalhos de prospeção, realizados nos concelhos de Portimão, Lagoa e Faro, não foram identificados dormitórios nem observados periquitos.

Tabela 21 | Registos da espécie no distrito de Faro, em 2020–2022, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos	PortugalAves	Número de aves
Faro	-	-	0
Lagoa	3	1	3-5
Loulé*	-	1	1
Olhão*	-	1	1
Portimão	1	12	2-3
Silves*	-	1	1

3.2.16 REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

A primeira observação da espécie no arquipélago dos Açores remonta ao ano 2001, quando 1 periquito foi observado em Ponta Delgada (Schmitz 2001 IN Matias 2004), sendo que no ano seguinte 5 aves foram observadas nessa localidade (Rodebrand 2002 IN Matias 2004). A espécie passou a ser observada regularmente em Ponta Delgada (Matias 2006, PortugalAves 2021), embora os bandos avistados fossem sempre de pequena dimensão (< 5 indivíduos). A partir de 2017 também passaram a existir observações regulares da espécie no concelho da Povoação (e.g., Santos 2017). Ainda na ilha de São Miguel, foram ocorrendo registos esporádicos de indivíduos isolados noutras áreas da ilha, nomeadamente nos concelhos de Lagoa e do Nordeste (Melo 2012, Coelho 2017). Na ilha Terceira, existem registos desde 2002, quando 2 periquitos foram observados em Cabo da Praia, no concelho de Praia da Vitória (Alonso 2002 IN Matias 2004). A partir daí, foram ocorrendo alguns registos ao longo dos anos, não sendo claro se algum núcleo se manteve ou foram existindo fugas de cativoiro esporádicas (Hohenthal 2012, Sampaio 2014, Melo 2017). Existem ainda observações históricas de periquito-de-colar nas ilhas do Faial (Tavares 2004) e em Santa Maria (Moura 2012), nunca tendo havido evidência do estabelecimento de qualquer núcleo.

No decurso da ação de ciência-cidadã, foram recebidos vários registos de periquitos em São Miguel, a maior parte dos quais em Ponta Delgada e que incluíram sempre observações de 3 ou mais aves juntas (tabela 22). A partir dos trabalhos de prospeção foram feitas observações de vários bandos, sobretudo na zona da Universidade e no Livramento (Ponta Delgada), mas também no concelho de Povoação e foi possível identificar 3 dormitórios (1 no Livramento e 2 na Povoação), dois deles com a localização exata. Adicionalmente, observações reportadas no PortugalAves para o período do censo foram utilizadas para complementar a prospeção, com dados de aves isoladas observadas noutras ilhas do arquipélago (e.g., Coelho 2020, 2020b, Pereira 2022b).

Tabela 22 | Registos da espécie no arquipélago dos Açores, em 2020-2021, com base nos dados recolhidos a partir do censo nacional e complementados com informação do PortugalAves*

Concelho	Número de registos	Número de aves	Aves no(s)
	CC	CC	dormitório(s)
Ponta Delgada	6	3-7	11
Povoação	1	6	4-5 ; 1
Angra do Heroísmo*		1	
Praia da Vitória*		1	
Vila do Porto*		1	

3.2.17 REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Entre os anos de 2000 e 2002, a espécie foi observada em diversos locais na ilha da Madeira, sobretudo na cidade do Funchal, mas também noutras localidades (Matias 2003, 2004, Nunes 2004). A observação do maior número de aves terá sido também uma das primeiras, na Ponta do Pargo em novembro de 2000, quando 7 periquitos foram avistados em simultâneo (Fagundes 2000). A maioria das observações posteriores foram sendo sempre de 1 a 2 aves (Matias 2003, 2004, 2006), embora em 2009 se avistassem bandos de até 6 periquitos (Rocha et al.2020). De notar que existiram evidências de tentativas de nidificação entre 2008 e 2016 na cidade do Funchal (figura 21), algumas delas provavelmente bem sucedidas (Rocha et al. 2020). Ainda assim, entre 2014 e 2019, tornou-se evidente uma redução no número de avistamentos e de indivíduos observados (Rocha et al. 2020).

Durante a ação de ciência cidadã, foram apenas reportadas duas observações de periquitos na cidade do funchal, de 1 e 2 aves, ambas na cidade do Funchal, mas apenas no inverno de 2020/21. Apesar dos esforços de prospeção, não foi observada nenhuma ave durante as visitas de prospeção do censo. Através da plataforma PortugalAves, verificou-se ainda a ocorrência de um indivíduo isolado no concelho de Machico (Coelho 2020). Através deste censo, confirma-se a redução do efetivo populacional da espécie no arquipélago.



Figura 21 | Casal de periquitos-de-colar em cópula, observados na Quinta da Vigia, no Funchal em fevereiro de 2011 © Ricardo Rocha

3.3 Dieta dos periquitos

Recebemos 239 registos de alimentação de periquitos, a maioria dos quais nos concelhos de Lisboa (30%) e Cascais (20%). Outros concelhos com bastantes registos de periquitos a alimentar-se incluem Sintra, Oeiras, Odivelas e Vila Franca de Xira.

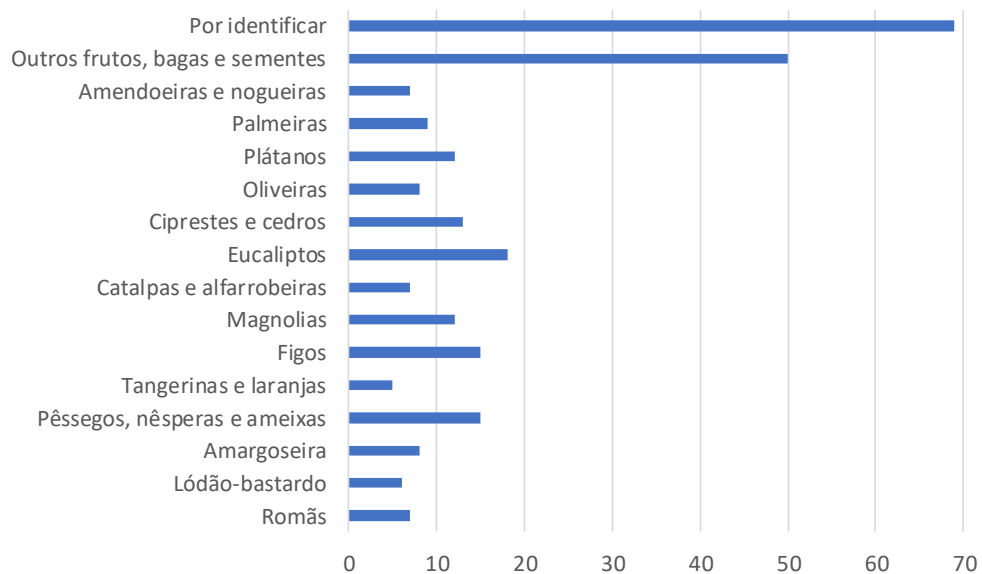


Figura 22 | Gráfico com os registos dos principais itens alimentares consumidos pelo periquito-de-colar no Outono, de acordo com as observações dos cidadãos participantes nas iniciativas de ciência-cidadã

Destaque para o consumo frequente de algumas espécies de plantas, como o fruto das Magnólias, as bagas das Amargoseiras ou os frutos de ciprestes e cedros. Os periquitos também foram frequentemente observados a alimentar-se de frutos típicos do período outonal, como figos, romãs, dióspiros e azeitonas.



Figura 23 | Registos de periquitos-de-colar a alimentar-se de frutos de Magnolia, vagens de catalpa, maçãs e nêspersas. fotos: Adalberto Marques, M^a Isabel Gomes, Camila Rodrigues, Margarida Carvalho

Para algumas espécies, como os plátanos e os eucaliptos, ´é mais difícil confirmar as interações de alimentação, uma vez que a espécie utiliza essas árvores de forma muito frequente, para socializar, descansar e pernoitar, por exemplo. Por outro lado, por vezes os periquitos fazem o transporte de um alimento (e.g., fruto) para se alimentarem dele numa árvore mais alta, como é o caso dos eucaliptos. De todas as formas, existem registos de alimentação do néctar das flores dos eucaliptos, por exemplo. Existem também algumas observações curiosas, como por exemplo, as aves do núcleo de Trancoso foram vistas a alimentar-se, por 3 observadores diferentes, de nozes, o que pode refletir a disponibilidade de alimento de um determinado local, nesta altura do ano. Também houve observações pontuais de periquitos a consumir sementes de girassol em plantas de varandas ou de bolotas de sobreiros em parques urbanos. Esta recolha massiva de informação foi de grande utilidade pois permitiu agregar observações de uma grande variedade de locais e permitiu a

identificação de muitas espécies plantas mesmo a partir das fotos enviadas pelos cidadãos. Por outro lado, também é evidente que o consumo de alguns itens como néctar de flores, rebentos de folhas ou ramos ou de pequenas sementes ou bagas, podem sofrer alguma subestimação, porque as pessoas tendem a detetar menos esses itens ou somos menos capazes de identificá-los a partir de imagens fotográficas.

Existem algumas identificações de plantas por fazer, algo que está ainda a ser efetuado. Pretende-se também dar continuidade a esta recolha de informação sobre os hábitos alimentares do periquito, estendendo este estudo para o resto do ciclo anual destas aves, em parceria com outras entidades.

3.4 Outros psitacídeos

No decurso deste censo, quer através da iniciativa de ciência-cidadã, quer durante os trabalhos de prospeção de dormitórios, foram observadas outras espécies de psitacídeos em liberdade. A maioria dessas observações foram de indivíduos de populações reprodutoras de duas espécies (caturritas e periquitões), mas também se registaram indivíduos de várias outras espécies, provenientes de fugas de cativeiro.



Figura 24 | Caturrita *Myopsitta monachus*, Porto e Rosela elegante *Platycercus elegans*, Funchal © Marsha Macdonald e Ricardo Rocha

3.4.1 Periquitão

O periquitão *Psittacara acuticaudatus*, também conhecido por periquitão-de-cabeça-azul, aratinga-de-cabeça-azul ou cônure-de-cabeça-azul ocorre em liberdade em Portugal pelo menos desde 1998, quando sete indivíduos foram observados no Jardim da Estrela, em Lisboa (Matias 2002). Ao longo da década de 2000 a espécie foi sendo observada com cada vez maior regularidade e em mais locais desta cidade (e.g., de Lima 2006, Travassos 2009), e pelo menos desde 2007 começaram a surgir indícios de que a nidificação poderia estar também a ocorrer (de Lima 2007), coincidente com observações em 2009-10 de bandos de maior dimensão, de 16 e 20 aves (Matias 2011).

Na primeira metade da década seguinte, surgiram os primeiros registos nos concelhos limítrofes de Lisboa, nomeadamente em Oeiras, Cascais e Loures (Martins 2012, Canário 2013, Morais 2014). Nesse período, já se registaram bandos com mais de vinte periquitões em Lisboa, 25 em Belém (Caratão 2011) e 28 em Santa Apolónia (Rocha 2014). Desde 2015, a espécie começou a ocorrer de forma mais regular também na Amadora, Sintra, Odivelas e em Vila Franca de Xira (Lourenço 2015, Kling 2016, Geraldés 2018, Morais 2018). Também a partir de 2015, começaram a surgir mais frequentemente registos de bandos de 15 ou mais aves sendo que, antes deste censo, os maiores bandos registados da espécie terão sido de 45 aves, em 2016 e 2018, nas Avenidas Novas (Pereira 2016, Travassos 2019). Alguns dos jardins onde a sua presença é habitual incluem a Quinta das Conchas, o Parque de Bensaúde, o Jardim do Campo Grande e os jardins do Palácio do Marquês de Pombal. Esporadicamente, também surgiram algumas observações esporádicas de 1 ou 2 indivíduos noutras regiões do país, como Évora ou Faro (Tavares 2008b, Caetano 2008).



Figura 25 | Periquitão no Parque da Quinta das Conchas © Óscar Madeira

No decurso da iniciativa de ciência-cidadã, houve 18 registos desta espécie, por igual número de pessoas. A maioria dos registos foram no concelho de Lisboa (78%), tendo a espécie sido também observada nos concelhos de Oeiras (1), Odivelas (2) e Vila Franca de Xira (1). O maior bando registado pelos cidadãos foi de 31 aves juntas no Saldanha, tendo sido habitual o registo de bandos superiores à dezena de aves (67%).



Figura 26 | Bando de 31 periquitões nas Avenidas Novas, em Lisboa
© Pedro Melo



Figura 27 | Bando de periquitões observado em Odivelas no decurso da iniciativa de ciência-cidadã
© Ricardo de Freitas

A espécie foi também observada nas visitas de prospeção deste censo, em Lisboa (Benfica e Avenidas Novas) e nos concelhos de Loures, Odivelas e Sintra. Foi identificado um pré-dormitório desta espécie, na freguesia das Avenidas Novas, em Lisboa, onde foram contabilizados 53 a 57 indivíduos. Este é, até à data de publicação deste relatório, o maior bando registado desta espécie. Não tendo sido possível identificar dormitórios desta espécie, e existindo um desconhecimento dos seus movimentos e rotas habituais, assim como das distâncias máximas que percorrem entre os locais de alimentação e descanso, não é possível ter uma estimativa robusta do atual tamanho populacional da espécie, sendo possível que se aproxime da centena de aves.

Também em 2020/21 há registos no portal PortugalAves de bandos de 15-20 aves observados nos concelhos de Sintra, Amadora, Oeiras, Cascais e Odivelas (Rodrigues 2020, Tissot 2020, Sampaio 2021, Tomé 2021). Apesar da ocorrência regular de bandos de alguma dimensão nos vários concelhos limítrofes de Lisboa, sabe-se que nas suas áreas de origem esta espécie pode percorrer distâncias grandes até às áreas de alimentação, pelo que não existe evidência de que se tratem de aves de núcleos distintos e será necessária uma monitorização dirigida para se obter uma estimativa robusta do efetivo populacional desta espécie.

3.4.2 Caturrita

A caturrita ou periquito-monge *Myiopsitta monachus* é uma espécie originária da América do Sul, e que se tornou popular enquanto animal de estimação/cativeiro em diversos países longe da sua distribuição natural. Em Portugal, existem registos da sua ocorrência em liberdade desde 1996, em Valença, e os primeiros registos de nidificação da espécie são de 1997 e 1998, em Portimão e Loures, respetivamente (Matias 2002, Matias 2003). Em 2000 também existe um registo de nidificação em Faro, e nessa altura surgiam muitos registos da espécie em diversos pontos do país (Matias 2003). A partir de 1999, passaram também a ocorrer registos regulares no concelho de Lisboa, com a nidificação a ser observada no Jardim Zoológico de Lisboa, em Sete Rios, algumas vezes entre 1999 e 2018 (Guedes 1999, PortugalAves 2021). Contudo, apesar destas tentativas de nidificação, nunca foram observadas mais de 4 aves juntas na cidade de Lisboa e, a partir de 2019, as observações da espécie na cidade tornaram-se muito menos frequentes e foram sempre de 1-2 indivíduos (PortugalAves 2021). Já em Sintra, na zona das Mercês, entre 2010 e 2011, chegaram a ser observadas 7 a 8 aves em simultâneo (Matias 2012).

Já no concelho do Porto, desde o início do século passaram a existir registos cada vez mais frequentes da espécie em liberdade, e a sua nidificação foi confirmada no Passeio Alegre e na Quinta do Covelo (PortugalAves 2021). Em 2008, foram observadas 12 aves juntas no Parque da Pasteleira (Matias 2011). Ao longo da última década, a observação desta espécie tornou-se cada vez mais regular em todo o concelho, com os bandos observados a atingirem um máximo de 20 indivíduos (PortugalAves 2021), e já havendo também registos nos concelhos limítrofes do Porto (Gondomar, Matosinhos, Póvoa do Varzim e Vila Nova de Gaia).

No decurso da iniciativa de ciência-cidadã "Venha ajudar-nos a contar periquitos" houve 14 registos submetidos desta espécie, todos no concelho do

Porto. O maior bando registado pelos cidadãos foi de mais de 30 aves juntas na zona da Foz e, em 57% das observações da espécie, foram observadas mais de uma dezena de aves juntas. Metade das observações de caturrita reportadas ocorreram na freguesia de *Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde*, na zona do Passeio Alegre/Foz. No entanto a espécie foi registada em mais três freguesias do concelho do Porto (figura 27). Foram identificados 4 locais de nidificação desta espécie na cidade do Porto (figura 28).

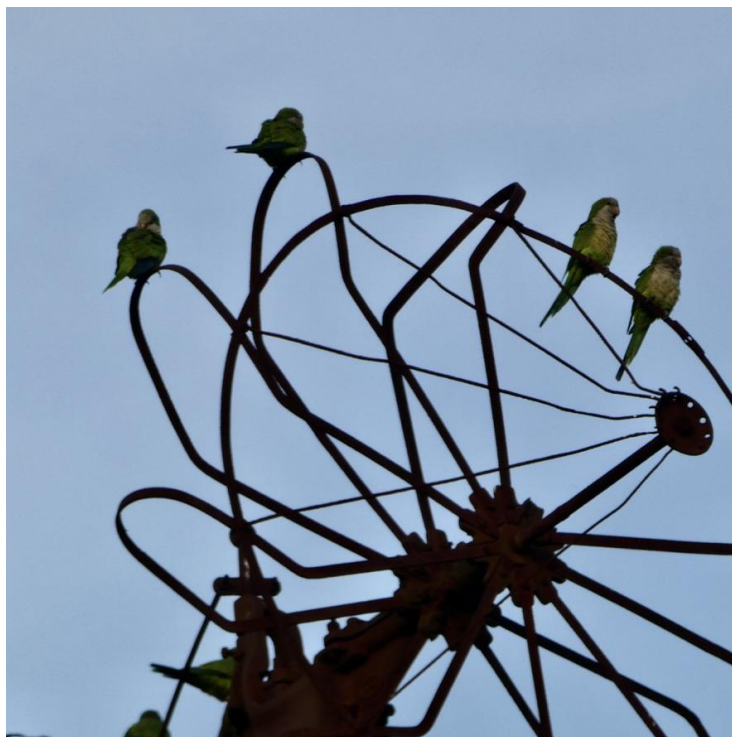


Figura 28 | Bando de caturritas observado no Parque do Covelo no decurso da iniciativa de ciência-cidadã © Marsha McDonnald

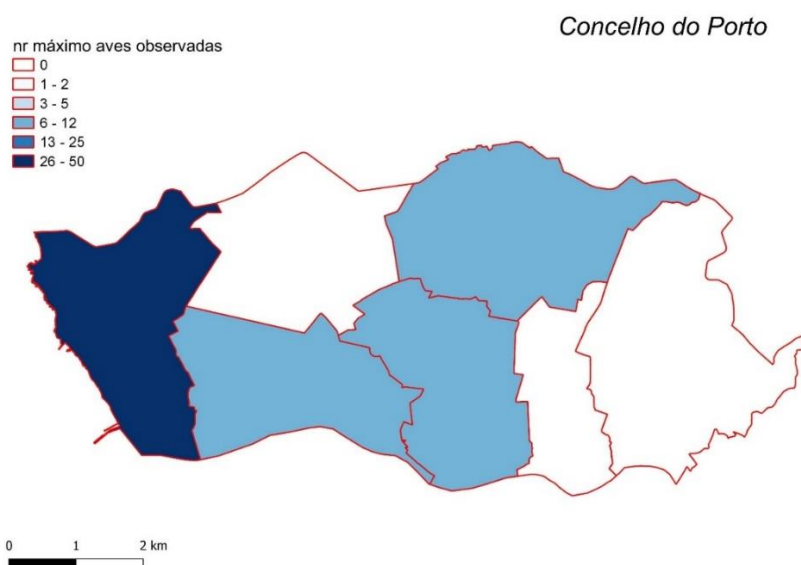


Figura 29 | Número máximo de caturritas observadas nas freguesias do concelho do Porto no decurso da iniciativa de ciência-cidadã (n = 14 registos da espécie).

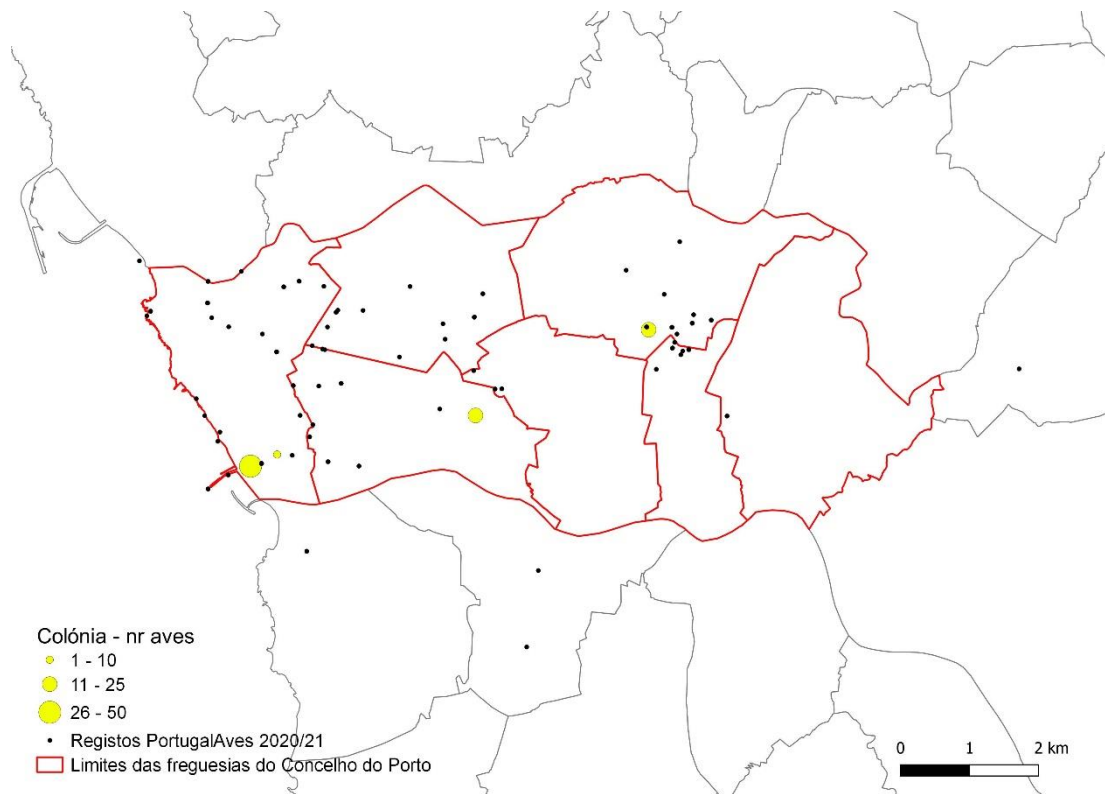


Figura 30 | Colónias de caturritas identificadas no concelho do Porto no decurso da iniciativa de ciência-cidadã, e registos da espécie no PortugalAves durante os anos de 2020 e 2021.



Figura 31 | Ninho de caturritas em palmeira observado no Cemitério de Agramonte no decurso da iniciativa de ciência-cidadã, e transporte de material para o ninho © Igor Silva

Para uma adequada monitorização desta espécie será necessária uma prospeção dirigida para identificar locais de nidificação, pois é muito provável que existam colónias por identificar. Nesse sentido, o desenvolvimento de iniciativas que promovam a participação dos cidadãos no reporte de ninhos poderia ser de grande utilidade. Para tal é essencial o envolvimento das autoridades locais na organização e promoção desse tipo de

iniciativa, assim como na monitorização continuada das colónias identificadas.

Com base na informação disponível, quer dos tamanhos dos bandos de aves observadas nas proximidades das colónias, quer de observações no PortugalAves para o período do censo (2020-21), fizemos uma tentativa de estimar o tamanho da população do Porto (tabela 23). Esta é uma estimativa pouco robusta e serão necessárias contagens dirigidas nas colónias de nidificação e zonas de dormida, assim como um esforço de prospeção importante para garantir uma estimativa mais robusta.

Tabela 23 | Estimativa da população de caturritas com base na informação de colónias identificadas no decurso deste censo e dos tamanhos dos bandos observados neste censo ou reportados nessas localizações (ou proximidade) através no portal PortugalAves entre 2019 e 2021.

Colónia	Número de aves	de Substrato	Fonte	Notas
Passeio Alegre	20 - 30	Palmeiras	Este censo; PortugalAves 2019-21	São necessárias mais contagens para ter números mais precisos
Foz Velha	0 - 6	Árvores não identificadas	Este censo	Requer confirmação
Cemitério Agramonte	11	Palmeiras	Este censo; PortugalAves 2019-21	São necessárias mais contagens para ter números mais precisos
Parque Covelo	10 - 12	Palmeiras	Este censo; PortugalAves 2019-21	São necessárias mais contagens para ter números mais precisos
Outros locais	?	-	-	Existência de outros locais suspeitos não prospetados (e.g., Cemitério do Prado do Repouso)
Total	41 - 59	-	-	Estimativa pouco robusta, com provável subestimação

3.4.3 Inseparável-de-Fischer

O inseparável-de-Fischer *Agapornis fischeri* é uma espécie originária da zona oriental da África subsahariana, mais precisamente das zonas áridas e semi-áridas do nordeste da Tanzânia. Esta espécie, e outras do mesmo género, tornaram-se populares em diversos países longe da sua distribuição natural. Em Portugal, são frequentes os registos de aves em liberdade desta espécie, assim como de espécie próximas e de híbridos, uma vez que é um género popular como animal de estimação, mas também entre os criadores de aves. Desde 2007 que são observados indivíduos desta espécie no concelho de Lagoa, sendo que em 2008 foram observados um máximo de 6 aves em Alfanzina, incluindo alguns juvenis (Borrowdale 2008). Em 2016, já era conhecida uma colónia de 14 aves em estado selvagem no concelho de Lagoa, no Algarve (Hawkers 2016), havendo cada vez mais registos de observações no Portugal Aves nos anos seguintes (e.g., Huibers 2018).

Durante a ação de ciência-cidadã, foi registada uma observação de um inseparável-de-faces-rosadas *Agapornis roseicollis* na Figueira da Foz. Também durante os trabalhos de prospeção de dormitórios, foram observadas três aves do género *Agapornis* no Funchal, tendo sido confirmada que pelo menos uma delas era um *A. roseicollis*. Em todos estes casos, tratar-se-ão de fugas de cativeiro. No outono de 2021, foi realizada uma contagem num dos locais onde a espécie *A. fischeri* tem sido observada, no concelho de Lagoa, e foram contadas 15 aves. Este valor é bastante próximo de outras observações recentes feitas na mesma altura do ano (15 a 17 aves), no mesmo local (Rodrigues 2021, Almeida 2022) e noutros locais próximos (Ribeiro 2020). Já o maior bando registado na região foi de 34 aves, observado em setembro de 2019 (Gonçalves 2019). Considerando que foi contabilizado apenas um local, e que a espécie poderá ocorrer em mais locais da região, apresentamos uma estimativa populacional de 15-35 aves, considerando também o maior registo dos últimos anos. Apesar de já existir há alguns anos, dos indivíduos se terem conseguido adaptar à região e de se conseguirem reproduzir, este núcleo corre o risco de desaparecer subitamente, dado o seu pequeno tamanho e maior vulnerabilidade à predação, comparativamente com psitacídeos de maior dimensão.

3.5 Considerações finais

A importância da ciência-cidadã

Para a realização deste censo foi indispensável que existisse uma forte componente de ciência-cidadã, que incluiu a participação de pessoas com um conhecimento ornitológico mais avançado, assim como a participação de cidadãos sem qualquer experiência na identificação de aves ou na monitorização ambiental. Por um lado, foram a disponibilidade e o esforço de observadores experientes para organizar e fazer a prospeção de dormitórios e realizar as contagens o que permitiu que se organizasse este censo à escala nacional. Por outro lado, a partilha de uma grande quantidade de informação por parte dos cidadãos, através da ação de ciência-cidadã, forneceu imensas pistas sobre potenciais dormitórios e permitiu ultrapassar algumas das dificuldades da prospeção de dormitórios em ambientes urbanos. Antes do início do censo apenas era conhecida a localização exata de um dormitório de grande dimensão na

cidade de Lisboa (com 644 aves em 2015, Luna et al. 2015) e com este censo foi possível identificar a localização exata de 24 outros dormitórios.

Apesar da mais-valia que foi a ciência-cidadã, os trabalhos de prospeção e monitorização desenvolvidos por observadores voluntários, foram desenvolvidos sem qualquer financiamento ou apoio às despesas dos voluntários, mesmo que por vezes requerendo algum investimento de tempo e recursos. Este é um aspeto que é importante melhorar, sobretudo se não se tratar de uma ação de voluntariado única ou o reporte de observações casuais. Tratando-se de pequenas verbas, o envolvimento de outros parceiros e entidades locais, com interesse na monitorização da espécie, ou o desenvolvimento e promoção de programas específicos de monitorização, podem ser formas de disponibilizar apoios para as despesas dos voluntários.

O crescimento e expansão do periquito-de-colar

Em 2008 a população nacional de periquito-de-colar tinha sido estimada em cerca de 270 aves (Matias 2008). A partir dos resultados deste censo, a população nacional é atualmente estimada em 2200-2500 aves, o que representa um **aumento muito significativo no efetivo populacional** desta espécie no território nacional. Na região da grande Lisboa, a espécie está completamente estabelecida, o crescimento populacional foi muito grande e é notória uma expansão entre concelhos limítrofes. Para além do dormitório em Alvalade, mais 4 dormitórios com centenas de aves foram identificados em Carnide (Lisboa), Sintra, Cascais e na Amadora, concentrando estes 5 dormitórios principais mais de 3/4 de toda a população nacional. Apesar deste forte crescimento populacional, a espécie mostra uma forte dependência muito grande das áreas urbanas e peri-urbanas e tem demonstrado pouca capacidade de expansão para áreas mais rurais.

Desde 2008, em outras áreas do país foram surgindo vários núcleos populacionais: nomeadamente nas Caldas da Rainha, na cidade de Coimbra, em Arcozelo (Vila Nova de Gaia) e na cidade de Setúbal, tendo alguns destes núcleos populacionais atingido uma dimensão significativa (até meia centena de aves). Outros novos núcleos surgiram também no Seixal e muito recentemente no Montijo, em Trancoso e em Viana do Castelo. Devido à sua pequena dimensão e isolamento (nalguns destes casos) é difícil prever se estes pequenos núcleos irão subsistir ou crescer num futuro próximo. Geralmente, os núcleos populacionais pequenos apresentam alguma volatilidade, e poderão estar dependentes da disponibilidade de alimento, predação e do ingresso de outros indivíduos, oriundos de áreas próximas ou de fugas de cativeiro. Aliás, desde 2008, houve alguns pequenos núcleos que se extinguíram (e.g., Faro/Loulé e Mira) ou que apresentam forte regressão (Funchal). Precisamente nos arquipélagos a expansão parece ser mais lenta, mas pelo menos em São Miguel houve um aumento populacional e alguma expansão espacial (núcleos em dois concelhos).

Deve a espécie ser classificada como invasora?

Em 2019, foi publicado o decreto-lei das espécies classificadas como invasoras em Portugal (Decreto-Lei n.º 92/2019), incluindo 18 espécies de aves. Este decreto prevê que se reavalie esta classificação das espécies a cada 6 anos, ou sempre que se justifique. Considerando o forte crescimento populacional desta espécie exótica no território nacional **é essencial que a classificação do periquito-de-colar seja reavaliada** nos próximos anos.

Obviamente, o ideal é que esta avaliação seja feita pelos organismos competentes com base na maior quantidade de informação possível, não apenas ao nível dos números e distribuição da espécie, mas também nos impactos sobre espécies nativas e atividades humanas, assim como no conhecimento base sobre a ecologia e reprodução da espécie no nosso território.

A partir da informação recolhida neste censo, para além do crescimento populacional é muito evidente que continuam a ocorrer imensas fugas de cativo desta espécie, o que torna mais provável que continuem a surgir novos núcleos populacionais, assim como que continue a ocorrer incorporação de novos indivíduos nos núcleos populacionais já existentes (contribuindo também com diversidade genética). A origem destas populações selvagens de periquitos em Portugal são as fugas de cativo e esse problema continua a existir na atualidade, pelo que a sua resolução deve ser a prioridade no que diz respeito à gestão desta espécie exótica. Ou seja, **a criação, comércio e posse desta espécie tem de ser regulada e limitada**. Isso também deve ser considerado na reavaliação do estatuto da espécie, uma vez que a posse e comércio de espécies invasoras prevê a interdição da sua posse, criação e comercialização. É também importante ter em conta que a espécie mantém uma distribuição muito restrita às áreas urbanas e que medidas de gestão devem sempre ser muito bem avaliadas e ter como fundamento os impactos significativos sobre as populações de espécies nativas ou habitats prioritários para a conservação da natureza. Tão importante como o referido acima, está o trabalho que é preciso desenvolver para consciencializar os cidadãos dos riscos de terem espécies exóticas como animais de estimação. Essa é uma componente do trabalho preventivo que se deve colocar em prática para evitar que outra(s) espécie(s) exótica(s) venham a ocorrer e a estabelecer-se fora das suas áreas de distribuição natural.



Figura 32 | Periquito-de-colar observado em Marvila, Lisboa. Este indivíduo de coloração amarela, fruto de seleção artificial, corresponde a uma fuga de cativo. © Inês Jesus

Lacunas do censo e recomendações ao nível da monitorização

Apesar de ter sido possível recolher imensa informação sobre a espécie e se ter conseguido identificar várias dezenas de dormitórios, a **localização exata de alguns dormitórios ficou por identificar** (e.g., Torres Novas, Coimbra). Nesses casos, a estimativa baseou-se no tamanho dos bandos observados. No entanto, através das contagens nos dormitórios, é evidente que a estimativa dos núcleos populacionais a partir da observação de bandos (e.g., tamanho máximo dos bandos) tende a subestimar o tamanho desses núcleos. Por outro lado, é também possível que alguns dormitórios (provavelmente de pequena dimensão) possam ter ficado por identificar, nomeadamente em alguns concelhos da Grande Lisboa e na área metropolitana do Porto, áreas onde a quantidade de locais potenciais/suspeitos é grande.

Outra dificuldade que a prospeção e contagem de dormitórios revelou foi o **uso de dormitórios inverniais alternativos**. Em alguns casos, foi possível verificar que as aves de determinado núcleo faziam uso de vários dormitórios, às vezes não muito distantes entre si. Frequentemente, isto significava que praticamente todo o núcleo mudava o local de pernoita. No entanto, nas situações em que desconhecíamos a localização do dormitório alternativo, não podíamos estar seguros que não estivessem a usar outro dormitório mais afastado. Para além disso, também torna o trabalho de prospeção mais complicado, pois apenas uma visita a um local suspeito poderá não ser suficiente para garantir que não é um local habitual de dormida.

Outra limitação é a de que algumas aves na Área Metropolitana de Lisboa, mesmo no período invernal, fazem uso de **dormitórios de pequena dimensão**, que até poderão corresponder a locais de nidificação. Não conseguimos ter uma ideia precisa se estas aves usam estes locais de forma irregular, alternando com visitas aos dormitórios comunais de grande dimensão.

Uma das recomendações que deixamos para futuras monitorizações da espécie, é a que se faça o seguimento por telemetria dos movimentos de alguns indivíduos da espécie. Esse trabalho permitiria compreender melhor as dinâmicas espaciais e temporais no uso dos dormitórios e dos locais de nidificação, mas também poderia ajudar a identificar alguns dormitórios.

Prioridades para o futuro próximo

O objetivo deste censo foi o de recolher informação atualizada acerca da situação do periquito-de-colar à escala nacional, tanto ao nível da distribuição da espécie como do efetivo populacional. Esta era uma lacuna importante, mas existe ainda muito trabalho por desenvolver. Algumas das prioridades para o futuro relativamente à monitorização e gestão desta espécie são:

- a) continuar a monitorizar o efetivo e tendência populacional do periquito-de-colar, assim como a sua expansão geográfica
- b) estudar a dieta do periquito-de-colar para compreender melhor a sua capacidade de expansão geográfica e potenciais impactos nas culturas agrícolas
- c) estudar os impactos do periquito-de-colar nas populações de espécies que usam cavidades para nidificação ou abrigo (e.g., chapins, morcegos)
- d) limitar a comercialização e criação da espécie para evitar o surgimento de novos núcleos populacionais e o enriquecimento dos núcleos existentes.

AGRADECIMENTOS

Aos coordenadores voluntários deste censo, que organizaram os trabalhos de prospeção de dormitórios e as contagens dos dormitórios - Ricardo Borges, Paulo Cortez, Pedro Cardia, Luís Gordinho, Ricardo Faustino Lima, Paula Lopes, Rui Machado, Filipe Moniz, Carlos Pacheco, Pedro Ramalho, Daniel Raposo, Luís Reino, Guillaume Rethoré, Ricardo Rocha, Camila Rodrigues, Ricardo Tomé, Alba Villarroya e Hélio Batista.

Aos voluntários do censo, que ajudaram nos trabalhos de prospeção de dormitórios ou contagens - Ana Salcines, Ângela Cordeiro, Carlos Ribeiro, Fernando Madeira, Filipa Machado, Frederico Martins, Hélder Costa, Inês Orfão, Isabel Fagundes, Jaime Sousa, Jesus Pomet, João Gameiro, Jorge Oliveira, José Luís Brandão, Judit Lopez, Julieta Costa, Lemuel Silva, Luís Avelar, Luís Lourenço, Luís Santos, Mara Estevão, Maria Dias, Nuno Oliveira, Paula Lopes, Paulo Travassos, Pedro Noronha, Pedro Regadas, Ricardo Belo, Ricardo Martins, Rita Ferreira, Rogério Rodrigues, Teresa Cohen, Teresa Tomé, Tiago Rodrigues, Teresa Sousa Cruz, Yasmin Redolosis.

A todos os que nos forneceram informação relevante sobre registos/dormitórios atuais (Ana Filipe, Ana Quaresma, Naa Rute Costa, Cristiano Sá, Eduardo Realinho, Filipa Machado, Filipe Canário, Filipe Catry, Hugo Lousa, Igor Silva, Lemuel Silva, Luís Rodrigues, Maria João Figueiredo, Marina Palácio, Miguel Berkemeier, Nélon Moura, Nuno Bikudo, Paulo Alves, Raúl Bandeira, Ricardo Salgueiro, Thijs Valkenburg), sugestões para a prospeção/censo (Gonçalo Elias, João Tomás), outras informações sobre a espécie (Pedro Geraldès, Pedro Pereira) e sugestões sobre os resultados (Joaquim Teodósio, Hugo Sampaio e Rui Machado).

A todos os participantes na ação de ciência-cidadã (ver anexo C), quer os que submeteram as suas observações através do formulário, quer os que nos enviaram os seus registos de periquitos através do email ou telefone, assim como a todos as pessoas que submetem registos de observações de aves em plataformas como o Biodiversity4all ou PortugalAves/eBird. Obrigado também aos colegas da SPEA, Marta Leocádio e José Lima, pela ajuda na recolha de informação sobre a espécie.

A todos os que ajudaram na divulgação da iniciativa de ciência-cidadã e do censo, incluindo os colegas do departamento de comunicação da SPEA (Sonia Neves, Joana Domingues, Inês Araújo e Frederico Arruda), ao Rui Miguel Correia, à Inês Sequeira e Helena Geraldès da Wilder, assim como à Sara Saraiva, Cátia Rebocho e Joana Picado da Divisão de Marca e Comunicação Câmara

Municipal de Cascais; à Sara Almeida e Sofia Gomes da Câmara Municipal de Oeiras; à Filipa Fernandes e Rita Lopes da Câmara Municipal de Setúbal; à Ana Raquel Neves e Pedro Flores da Câmara Municipal de Sintra; à Patrícia Figueiredo da Câmara Municipal de Lisboa; à Carla Oliveira da Área Metropolitana do Porto; e à Daniela Casimiro do Corpo Nacional de Escutas.

A todos os que nos deram autorizações para aceder a espaços não públicos ou fora do horário de funcionamento, para a realização de visitas de prospeção de dormitórios ou para efetuar as contagens do censo, incluindo à Teresa Girão e ao José Cid do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, ao César Garcia da Universidade de Lisboa (Jardim Botânico da Universidade de Lisboa e Jardim tropical), à Ana Luísa Soares do Jardim Botânico da Ajuda, à Marina Tiago, Catarina Conde e à Isabel Rodrigues da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, à Cláudia Brites da Câmara Municipal do Seixal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexander, G. 2007. *Noticiário Ornitológico*, 274, SPEA.
- Alexander, G. 2007b. *Noticiário Ornitológico*, 287, SPEA.
- Almeida, S. 2022. <https://ebird.org/checklist/S102579610>
- Alonso, T. 2002. IN: Matias, R. 2004. *Aves exóticas em Portugal: ano de 2002*. *Anuário Ornitológico 2*, SPEA, 55-63.
- Alonso, H. 2022. <https://ebird.org/checklist/S103697038>
- Amma, V. 2018. <https://ebird.org/checklist/S43750149>
- Batista, H. 2020. <https://ebird.org/checklist/S63227513>
- Belo, R. 2008. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28346214>
- Berkemeier, M. 2018. <https://ebird.org/checklist/S47951571>
- Berkemeier, M. 2018b. <https://ebird.org/checklist/S51038180>
- Blomdahl, A. 2002. IN: Matias, R. 2004. *Aves exóticas em Portugal: ano de 2002*. *Anuário Ornitológico 2*, SPEA, 55-63.
- Borges, R. 2018. <https://ebird.org/checklist/S48000996>
- Borrowdale, M. & Borrowdale, D. 2008. *Noticiário Ornitológico*, 224, SPEA.
- Brandão, R. 2009. <https://ebird.org/checklist/S21735458>
- Brandão, R. 2017. <https://ebird.org/portugal/checklist/S37150288>
- Caetano, M. 2008. *Noticiário Ornitológico*, 362, SPEA.
- Caiado, A. 2020. <https://ebird.org/checklist/S65040177>
- Campbell, M. 2021. eBird Checklist: <https://ebird.org/checklist/S95184624>
- Canário, F. 2013. <https://ebird.org/checklist/S14505397>
- Canário, F. 2021. <https://ebird.org/checklist/S93518268>
- Caratão, R. 2011. *Noticiário Ornitológico*, 457, SPEA.
- Caratão, R. 2013. <https://ebird.org/checklist/S12564500>
- Cardia, P. 2001. <https://ebird.org/checklist/S61238090>
- Cardoso, A.R. 2020. <https://ebird.org/checklist/S71279482>
- Cardoso, H. 2020. <https://ebird.org/checklist/S76085671>
- Catry, P., Costa, H., Elias, G., & Matias, R. 2010. *Aves de Portugal: Ornitologia do território continental*. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Catry, P. 2002 IN: Matias, R. 2004. *Aves exóticas em Portugal: ano de 2002*. *Anuário Ornitológico 2*, SPEA, 55-63.
- Ceia, R. 2014. *Noticiário Ornitológico*, 564, SPEA.
- Coelho, R. 2017. <https://ebird.org/portugal/checklist/S34557202>
- Coelho, R. 2020. <https://ebird.org/checklist/S78055602>
- Coelho, R. 2020b. <https://ebird.org/checklist/S65485459>

Correia, S. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S31499481>

Correia, S. 2017. <https://ebird.org/checklist/S33462250>

Covas, L., J.C. Senar, L. Roqué Roqué, & J. Quesada 2017. Records of fatal attacks by rose-ringed parakeets *Psittacula krameri* on native avifauna. *Revista Catalana d'Ornitologia*, 33: 45-49.

Cruz, V.F. 2022. <https://ebird.org/checklist/S102476060>

Davis, M. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S87711306>

de Lima, R.F. 2006. *Noticiário Ornitológico*, 227, SPEA.

de Lima, R.F. 2007. <https://ebird.org/checklist/S18234969>

Del Moral J.C., A. Somoza, A.R. Muñoz, B. Molina (Eds.) 2017. La cotorra de Kramer en España, población reproductora en 2015 y método de censo. SEO/BirdLife. Madrid.

Dias, P. 2012. <https://ebird.org/checklist/S35171175>

Doutor, S. 2011. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28390829>

Duque, S. 2020. <https://ebird.org/checklist/S71632704>

Elias, G. 2017. <https://ebird.org/portugal/checklist/S37258335>

Elias, G. 2021. *Aves Exóticas em Portugal: Guia de Identificação*. eBook Kindle.

Equipa Atlas 2008. *Atlas das aves nidificantes em Portugal (1999-2005)*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Equipa Atlas (2013) *Atlas das Aves do Arquipélago da Madeira*. <http://www.atlasdasaves.netmadeira.com/>

Estevens, M. 1999. <https://ebird.org/checklist/S20534344>

Felgueiras, M. 2004. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28341849>

Fernandes, P. 2009. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28390072>

Fernandes, P. 2010. <https://ebird.org/checklist/S6952422>

Fernandes, P. 2011. <https://ebird.org/checklist/S7461911>.

Fernandes, P. 2011b. *Noticiário Ornitológico*, 420, SPEA.

Fernandes, P. 2011c. *Noticiário Ornitológico*, 426, SPEA.

Fernandes, P. 2011d. <https://ebird.org/checklist/S8598892>

Fernandes, P. 2012. <https://ebird.org/checklist/S9534448>

Fernandes, P. 2020. <https://ebird.org/checklist/S63142227>

Ferreira, R. 2015. <https://ebird.org/checklist/S22308942>

Ferreira, P. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S32098850>

Ferreira, R. 2019. <https://ebird.org/checklist/S62649742>

Fonseca, N. 1997. <https://ebird.org/checklist/S55924857>

Fonseca, N. 2003. *Noticiário Ornitológico*, 124, SPEA.

Geraldes, P. 2019. <https://ebird.org/checklist/S52866286>

Gonçalves, A. 2005. <https://ebird.org/checklist/S38810716>

Gonçalves, A. 2019. <https://ebird.org/checklist/S59441419>

Gordinho L. 2006. Noticiário Ornitológico 259, SPEA.

Gordinho, L. 2017. <https://ebird.org/checklist/S40337470>

Godinho, C. 2017. <https://ebird.org/portugal/checklist/S36991893>

Gonçalves, A. 2019. <https://ebird.org/checklist/S59441419>

Guedes, R. 1999. IN: Matias, R. 2003. Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001. Anuário Ornitológico 1, SPEA, 47-51.

Guerreiro, R. 2003. Noticiário Ornitológico 98, SPEA.

Guilherme, L. 2007. Noticiário Ornitológico 293, SPEA.

Hawker, C. 2019. <https://ebird.org/checklist/S61219095>

Hernández-Brito, D., M. Carrete, C. Ibáñez, J. Juste, & J.L. Tella 2018. Nest-site competition and killing by invasive parakeets cause the decline of a threatened bat population. *Royal Society Open Science*, 5: 172477.

Hohenthal, N. 2012. <https://ebird.org/checklist/S49926806>

Huibers, P. 2018. <https://ebird.org/checklist/S48384267>

Kajzer, Z. 2021. <https://ebird.org/checklist/S96535735>

Keyes, T. 1995. <https://ebird.org/checklist/S101561106>

Kling A. 2016. <https://ebird.org/checklist/S97926355>

Lecoq M. 2020. <https://ebird.org/portugal/checklist/S71538680>

Leite, P. 2018. <https://ebird.org/portugal/checklist/S42258600>

Leitão J. 2014. Noticiário Ornitológico, 598, SPEA.

Leitão J. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S30626646>

Leitão J. 2020. <https://ebird.org/portugal/checklist/S68626565>

Leitão A. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S78881948>

Leitão, A. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S86874002>

Leitão, D. 2021. <https://ebird.org/checklist/S73950681>

Linkowski, A. 2012. <https://ebird.org/checklist/S11165687>

Lopes, P. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S31223354>

Lopes, P. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S101147925>

Reino, L. & J. Santana 2004. Noticiário Ornitológico, 155, SPEA.

Lourenço, R. 2009. <https://ebird.org/portugal/checklist/S100514536>

Lourenço, R. 2014. <https://ebird.org/checklist/S85305133>

Lourenço, R. 2014. <https://ebird.org/checklist/S85307614>

Lourenço, R. 2015. <https://ebird.org/portugal/checklist/S85405198>

Lourenço, R. 2015b. <https://ebird.org/portugal/checklist/S85238367>

Lourenço, R. 2019. <https://ebird.org/portugal/checklist/S60609429>

Lousa, H. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S33528787>

- Luna, Á., M. Monteiro, E. Asensio-Cenzano, & L. Reino 2016. Status of the rose-ringed parakeet *Psittacula krameri* in Lisbon, Portugal. *Biologia*, 71: 717-720.
- Machado, J. 2001. IN: Matias, R. 2003. Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001. *Anuário Ornitológico 1*, SPEA, 47-51.
- MacKay, S. 2008. <https://ebird.org/checklist/S12190246>
- Magro, J. 2013. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28392725>.
- Marques, J. 2014. <https://ebird.org/checklist/S18111341>
- Martins, N. 2012. *Noticiário Ornitológico*, 487, SPEA.
- Martins, P. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S72519122>
- Martins, P. 2021b. <https://ebird.org/checklist/S97528526>
- Matias, R. & Dias, M. 2000. IN: Matias, R. 2003. Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001. *Anuário Ornitológico 1*, SPEA, 47-51.
- Matias, R. 2002. Aves exóticas que nidificam em Portugal continental. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Matias, R. 2003. Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001. *Anuário Ornitológico 1*, SPEA, 47-51.
- Matias, R. 2004. Aves exóticas em Portugal: ano de 2002. *Anuário Ornitológico 2*, SPEA, 55-63.
- Matias, R. 2006. Aves exóticas em Portugal: anos de 2003 e 2004. *Anuário Ornitológico 3*, SPEA, 55-63.
- Matias, R. 2008. Censos de Periquito-rabijunco (*Psittacula krameri*) no Jardim da Estrela, Lisboa [Monthly counts of ring-necked parakeets (*Psittacula krameri*) at Jardim da Estrela, Lisbon]. *Airo*, 18: 24-28.
- Matias, R. 2009-10. Aves exóticas em Portugal: anos de 2005-2008. *Anuário Ornitológico 7*, SPEA, 95-108.
- Matias, R. 2011. Aves exóticas em Portugal: anos de 2009 e 2010. *Anuário Ornitológico 8*, SPEA, 94-104.
- Matias, R. 2012. Aves exóticas em Portugal: ano de 2012. *Anuário Ornitológico 9*, SPEA, 57-65.
- Matias, R. 2014. <https://ebird.org/chile/checklist/S16738415>
- Matias, R., P. Catry, H. Costa, G. Elias, J. Jara, C.C. Moore & R. Tomé 2007. Lista sistemática das aves de Portugal Continental. *Anuário Ornitológico 5*, SPEA, 74-132.
- Melo, D. 2012. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28369295>
- Melo, C. 2016. <https://ebird.org/checklist/S45365241>
- Melo, R. 2018. <https://ebird.org/portugal/checklist/S49436053>
- Melo, R. 2020. <https://ebird.org/portugal/checklist/S73840534>
- Miguel, C. 2022. <https://ebird.org/checklist/S104418541>
- Monteiro, A. 2021. <https://ebird.org/checklist/S95315311>
- Morais, F. 2014. <https://ebird.org/checklist/S17693209>

Morais, F. 2018. <https://ebird.org/checklist/S45988716>

Moreira, P. 2017. <https://ebird.org/checklist/S37987019>

Mori E., L. Ancillotto, M. Menchetti, D. Strubbe 2017. 'The early bird catches the nest': possible competition between scops owls and ring-necked parakeets. *Animal Conservation*, 20: 463-470.

Moura, N. 2012. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28382521>

Nascimento, D. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S84036293>

Nicolau, P. 2011 <https://ebird.org/portugal/checklist/S28404867>

Noivo, C. 2000. *Pardela* 13, SPEA.

Noivo, C. 2002. IN: Matias, R. 2004. *Aves exóticas em Portugal: ano de 2002*. Anuário Ornitológico 2, SPEA, 55-63.

Nunes, J. 2004. *Noticiário Ornitológico*, 140, SPEA.

Østerby, A. 1998. <https://ebird.org/checklist/S48292709>

Pârâu, L.G., D. Strubbe, E. Mori, M. Menchetti, L. Ancillotto, A. Van Kleunen, R.L. White, A. Luna, D. Hernández-Brito, M.L. Louarn, P. Clergeau, T. Albayrak, D. Franz, M.P. Braun, J. Schroeder & M. Wink 2016. Rose-ringed parakeet *Psittacula krameri* populations and numbers in Europe: a complete overview. *The Open Ornithology Journal*, 9: 1-13.

Pedroso, R. & Santos, E. 2002. IN: Matias, R. 2004. *Aves exóticas em Portugal: ano de 2002*. Anuário Ornitológico 2, SPEA, 55-63.

Pereira, N. 2003. <https://ebird.org/checklist/S108151588>

Pereira, J. 2008. *Noticiário Ornitológico*, 350, SPEA

Pereira, S. 2012. *Noticiário Ornitológico*, 503, SPEA.

Pereira, N. 2016. <https://ebird.org/portugal/checklist/S32019457>

Pereira, C. 2022b. <https://ebird.org/checklist/S104279647>

Pereira, N. 2022. <https://ebird.org/checklist/S100240278>

Petronilho, J.M.S., J.V. Vingada & J. Ferreira 2004. *As aves exóticas na costa de Quiaios-Mira (Beira Litoral, Portugal)*. *Airo* 14: 114-120.

PortugalAves eBird 2021 eBird: An online database of bird distribution and abundance. eBird, Ithaca, New York. <https://ebird.org/portugal/home>

Ramalho, C.. 2001. IN: Matias, R. 2003. *Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001*. Anuário Ornitológico 1, SPEA, 47-51.

Raposo, D. 2019. <https://ebird.org/checklist/S61297722>

Reino, L. 1992.

Reino, L. 1993. <https://ebird.org/checklist/S50537931>

Reino, L. 1995. <https://ebird.org/checklist/S52675482>

Reino, L. & J. Santana 2004. *Noticiário Ornitológico*, 155, SPEA.

Reis, J. 2004. *Noticiário Ornitológico*, 158, SPEA.

Reis, J. 2021. <https://ebird.org/checklist/S91351177>

Rethoré, G. 2010. <https://ebird.org/checklist/S9484462>

Ribeiro, L. 2020. <https://ebird.org/checklist/S73968047>

Rocha, R. 2014. *Noticiário Ornitológico*, 584, SPEA.

Rocha, R., L. Reino, P. Sepúlveda & J. Ribeiro 2020. Introduced population of ring-necked parakeets *Psittacula krameri* in Madeira Island, Portugal—call for an early action. *Management of Biological Invasions*, 11: 576–587.

Rodebrand, S. 2001 IN: Matias, R. 2004. Aves exóticas em Portugal: ano de 2002. *Anuário Ornitológico* 2, SPEA, 55–63.

Rodrigues, J. 2005. *Noticiário Ornitológico* 202, SPEA.

Rodrigues, J.C. 2002. <https://ebird.org/checklist/S78142389>

Rodrigues, C. 2020. <https://ebird.org/checklist/S77604775>

Rodrigues, M. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S96663269>

Rufino, R. 1989. Atlas das aves que nidificam em Portugal Continental. CEMPA, SNPRCN, Lisboa

Safara, J. 2020. <https://ebird.org/portugal/checklist/S63388596>

Salgueiro, R. 2019. <https://ebird.org/portugal/checklist/S62736502>

Sampaio, H. 2012. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28382464>

Sampaio, H. & Pereira, C. 2014. *Noticiário Ornitológico* 582, SPEA.

Sampaio, H. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S83331450>

Santos, N. 2015. <https://ebird.org/portugal/checklist/S25793128>

Santos, M. 2017. <https://ebird.org/checklist/S35264479>

Santos, M. 2018. <https://ebird.org/checklist/S44841617>

Santos, L. 2022. <https://ebird.org/checklist/S101257086>

Seixas, P. 2020. <https://ebird.org/checklist/S74472716>

Silva, G. 2002. Matias, R. 2004. Aves exóticas em Portugal: ano de 2002. *Anuário Ornitológico* 2, SPEA, 55–63.

Silva, J. 2004. <https://ebird.org/portugal/checklist/S26886404>

Silva, J. 2015. <https://ebird.org/portugal/checklist/S25180993>

Silva, L. 2015b. <https://ebird.org/portugal/checklist/S25261349>

Silva, R. 2018. <https://ebird.org/portugal/checklist/S49797667>

Silva, L. 2019. <https://ebird.org/checklist/S52647023>

Silva L. 2021. <https://ebird.org/checklist/S94486716>

Schmitz, M. 2001 IN: Matias, R. 2004. Aves exóticas em Portugal: ano de 2002. *Anuário Ornitológico* 2, SPEA, 55–63.

SPEA 2003. *Noticiário Ornitológico*, 98, SPEA.

SPEA 2005. *Noticiário Ornitológico*, 182, SPEA.

SPEA 2005b. *Noticiário Ornitológico*, 171, SPEA.

SPEA 2005c. Noticiário Ornitológico, 217, SPEA.

SPEA 2006. Noticiário Ornitológico, 227, SPEA.

Tavares, J.T. 2004. IN Matias, R. 2006. Aves exóticas em Portugal: anos de 2003 e 2004. Anuário Ornitológico 3, SPEA, 55-63.

Tavares, J.T. 2008. Noticiário Ornitológico, 349, SPEA.

Tavares, J.T. 2008b. Noticiário Ornitológico, 360, SPEA.

Tenreiro, P. 2002. IN: Matias, R. 2004. Aves exóticas em Portugal: ano de 2002. Anuário Ornitológico 2, SPEA, 55-63.

Tissot, M. 2014. <https://ebird.org/checklist/S20763185>

Tissot, M. 2020. <https://ebird.org/checklist/S77876612>

Tomás, J. 2021. <https://ebird.org/checklist/S93811462>

Tomás, J. 2021b. <https://ebird.org/checklist/S85825922>

Tomé, R. 1999. IN: Matias, R. 2003. Aves exóticas em Portugal: anos de 2000 e 2001. Anuário Ornitológico 1, SPEA, 47-51.

Tomé, R. 2021. <https://ebird.org/portugal/checklist/S79628427>

Travassos, D. 1993. <https://ebird.org/portugal/checklist/S32790458>

Travassos, D. 2009. <https://ebird.org/portugal/checklist/S32922420>

Travassos, D. 2019. <https://ebird.org/checklist/S49940790>

Vieira, L. 2000. <https://ebird.org/checklist/S69508743>

Vieira, L. 2012. <https://ebird.org/portugal/checklist/S28390857>

Viera, A. 2015. <https://ebird.org/portugal/checklist/S24876115>

Wedderbrun, B. 2010. <https://ebird.org/checklist/S12924909>

ANEXOS

A - Equipa de coordenação do censo

Distrito/Região	Concelho	Coordenador
RA Açores	Todos	Alba Villarroya
RA Madeira	Funchal e Machico	Ricardo Rocha
Bragança	Bragança	Paulo Cortez
Viana do Castelo	Viana do Castelo	Luís Reino
Porto	Porto	Pedro Cardia
Porto	Vila Nova de Gaia	Ricardo Borges
Coimbra	Coimbra	Rui Machado
Leiria	Caldas da Rainha	Pedro Ramalho
Lisboa	Cascais	Ricardo F. Lima
Lisboa	Oeiras	Ricardo Tomé
Lisboa	Amadora e Sintra	Filipe Moniz
Lisboa	Loures e Odivelas	Camila Rodrigues
Lisboa	Lisboa (Alvalade)	Luís Gordinho
Lisboa	Lisboa (Benfica, São Domingos de Benfica e Carnide)	Carlos Pacheco
Lisboa	Lisboa (restantes freguesias)	Hany Alonso
Setúbal	Almada, Seixal e Montijo	Daniel Raposo
Setúbal	Setúbal e Sesimbra	Paula Lopes*
Faro	Portimão, Lagoa e Faro	Guillaume Rethoré
-	Outros	Hany Alonso

*O Hélio Batista foi o coordenador no primeiro ano

B - Voluntários do censo

Ana Salcines, Ângela Cordeiro, Carlos Ribeiro, Fernando Madeira, Filipa Machado, Frederico Martins, Hélder Costa, Inês Orfão, Isabel Fagundes, Jaime Sousa, Jesus Pomet, João Gameiro, Jorge Oliveira, José Luís Brandão, Judit Lopez, Julieta Costa, Lemuel Silva, Luís Avelar, Luís Lourenço, Luís Santos, Mara Estevão, Maria Dias, Nuno Oliveira, Paula Lopes, Paulo Travassos, Pedro Noronha, Pedro Regadas, Ricardo Belo, Ricardo Martins, Rita Ferreira, Rogério Rodrigues, Teresa Cohen, Teresa Tomé, Tiago Rodrigues, Teresa Sousa Cruz, Yasmin Redolosis.

C - Participantes da Iniciativa de Ciência-cidadã

Adalberto Marques, Adriana Vilhena, Afonso Barros, Ágata Biga, Agostinho Silva, Alberto Pires, Alexandra Dias, Alexandra Gentil, Alexandra Gonçalves, Alexandre Gentil, Alexandre Viana, Álvaro Duarte, Alma Mater, Amândio Castro, Américo Ribeiro, Ana Almeida, Ana Amaral, Ana Beatriz Santos, Ana Campino, Ana Catarina Oliveira, Ana Carolina Roselli, Ana Clara Bouceiro, Ana Cláudia Ponte, Ana Cotter, Ana Elisa Ribeiro, Ana Farias, Ana Ferro, Ana Filipa Garcez, Ana Filipe, Ana Graça, Ana Guerreiro, Ana Leitão, Ana Luísa Barros, Ana Marta Castro, Ana Marta Garfinho, Ana Marta Monte, Ana Pinto, Ana Ribeiro, Ana Rita Vieira, Ana Rodrigues, Ana Rute Costa, Ana Silva, Ana Sofia Silva, Ana Viegas, Anabela Galhofas, André Banha, André Cebola, André Gabriel, André Ferreira, André Gil, André Lourenço, André Reis, André Rosa, André Simões, Andreia Ribeiro, Ângela Gonçalves, Ângela Manata, Ângelo Conceição, Anthony Duarte, Antje Voelker, António Afonso, António Amorim, António Andrade, António Baião, António Barros, António Félix, António Franco, António Matos, António Morais, António Nobre, António Geraldes Pinto, António Rafael Pinto, António Ramos, António Simões, Ariana Lopes, Armando Almeida, Artur Rodrigues, Augusto Fernandes, A. Faria, Bárbara Abrantes, Bárbara Costa, Bárbara Silva, Beatriz Badalo, Beatriz Barreto, Beatriz Costa, Beatriz Parreira, Beatriz Silveira, Benedita Heitor, Brindusa Ichim, Bruno Bernardo, Bruno Canhoto, Bruno Miguel Costa, Bruno Pedrosa, Bruno Pinheiro, Camila Rodrigues, Carina Casaleiro, Carla Pacheco, Carla Santos, Carla Simões, Carla Sofia, Carlos Almeida, Carlos Alves, Carlos Bruno Pereira, Carlos Costa, Carlos Franco, Carlos Martins, Carlos Mendonça, Carolina Fernandes, Carolina Negrão, Carolina Moura, Cássia Parreira, Catarina, Catarina Barradas, Catarina Bettencourt, Catarina Boto, Catarina Ferreira, Catarina Hilário, Catarina Rebelo, Catarina Sequeira, Catharina Jongkind, Cátia Quirino, Cátia Rocha, Cátia Sousa, Célia Cardoso, César Sá, Cheila Almeida, Cláudia Amorim, Cláudia Dias, Cláudia Franco, Cláudia Gonçalves, Cláudia Neves, Cláudia Ribeiro, Cláudio Silva, Conceição Vilela, Cristiano Sá, Cristina Azevedo, Cristina Custódio, Cristina Godinho, Cristina Pereira, Cristina Silva, Daniel, Daniel Brito, Daniel Gomes, Daniel Tomaz, Daniela Mota, Daniela Vitorino, David Feijão, Débora Larsen, Denise Mota, Diana Moreira, Diana Pinto, Dina Anastácio, Dina Velosa, Diogo Diniz, Diogo Ferreira, Diogo Sousa, Diva Sousa, Duarte Filipe, Edgar Reis, Edite Sousa, Eduarda Pinto, Eduardo Costa, Eduardo da Costa, Eduardo Ferreira, Eduardo Fortuna, Eduardo Mata, Eduardo Moreira, Eduardo Torres, Eduardo Vanzeller, Ekaterina, Elsa Mestre, Elsa Almeida, Emanuel Fernandes, Erica Luisinho, Fábio Vicente, Fátima Miranda, Fernanda Rodrigues, Fernando Caio, Fernando Caldeireiro, Fernando Canelas, Fernando Matias, Filipa Machado, Filipa Pereira, Filipe Caliço, Filipe Fernandes, Filipe Ferreira, Filipe Soares, Filipe Viveiros, Flávio Abreu, Flávio Castro, Flávia Rodrigues, Francisca Santos, Francisco Baeta, Francisco Martins, Frederico Mann, Frederico Rodrigues, Gabriela Silva, Glória Silveira, Gonçalo Carvalho, Gonçalo Fazenda, Gonçalo Pereira, Gonçalo Silva, Guida Sousa, Guilherme Coimbra, Guilherme Godinho, Halyna Lozhkina, Hélder Mota, Hélder Pereira, Helena Felgas, Helena Fonseca, Helena Gabriela, Helena Ramos, Helena Santos, Helga Rodrigues, Hélio Simões, Hélio Tomás, Henrique Leite, Henrique Paquete, Horácio Faria, Hugo Marques, Hugo Pereira, Hugo Travassos, Hugo Veloso, Humberto Rodrigues, Igor Silva, Inês, Inês Blanc, Inês Carvalho, Inês Formigo, Inês Gomes, Inês Jesus, Inês Leitão, Inês Martins, Inês Órfão, Inês Récio, Inês Santos, Inês Sousa Real, Inês Verdugo, Isabel Baeta, Isabel Barros, Isabel Cabral, Isabel Castelo, Isabel Filipe, Isabel Neves, Ivan Kisialiou, Ivo Varela, Jean Claude Venet, Jess Chow, Joana Afonso, Joana Alves, Joana Baldaia, Joana Carmo, Joana Carvalho, Joana Casaca, Joana Casimiro, Joana Gomes, Joana Pereira, Joana Ramos, Joana Sousa, Joana Trindade, João, João Almeida, João António Vaz, João Bonaparte, João Caixinha, João Carlos Lourenço, João Carlos Soares, João Carvalho, João Delgado, João Duarte, João Durães, João Ferreira, João Gaspar, João Graça, João Guerra, João Guilherme, João Lourenço, João Luís Almeida, João Madeira, João Margarido, João Mendes, João Monteiro, João Mota, João Morais, João Neto, João Paulo Ferrão, João Paulo Oliveira, João Pereira, João Quaresma, João Ribeiro, João Roberto, João Tiago Silva, Joel Laia, Jorge Almeida, Jorge Banha, Jorge Duarte, Jorge Machado, Jorge Mendes, Jorge Pacheco, Jorge Rei, Jorge Silva, Jorge Simões, Jorge Vasconcelos, Jorge Viana, Jorge Vicente, José Afonso, José Albuquerque, José Antunes, José Augusto Lopes, José Barreiros, José Bento, José Campos, José Carlos Martins, José Coelho, José Dionísio, José Fuente, José Guerreiro, José Guilherme Sousa, José Luís Mendes, José Manuel Bolinhas, José Manuel Pádua, José Pereira, José Pinheiro, José Silva, Josefina Fernandes, Judite Pires, Juliana Gomes, Julie Perrinot, J. Matos, Lara, Lara Loureiro, Laurindo Marques, Leandro Melo, Leandro Ventura, Leonardo Sotelo, Leonor Pêgo, Lila Schottner, Liliana Cunha, Liliana Teles, Lourdes Coelho, Lourenço Távora, Luís Avelar, Luís Bandeira, Luís Barroso, Luís Carlos Francisco, Luís Carlos Pessoa, Luís Costa, Luís Costa e Silva, Luís Cruz, Luís Gonçalves, Luís Manuel Rocha, Luís Miguel, Luís Morais, Luís Rodrigues, Luís Serralha, Luís Sereno, Luís Sousa, Luís Sousa e Faro, Luís Valente, Luís Vieira, Luísa, Luísa Perry, Luíz Felipe Lopes, Madalena Araújo, Madalena Lima, Madalina, Magalie Biard, Mafalda Albuquerque, Mafalda

Castelão, Mafalda Roma, Mailson, Manuel Amaral, Manuel Carvalho, Manuel Garcia, Manuel João Martins, Manuel Loureiro, Manuel Mendes, Manuel Pinho, Manuel Preto, Manuela Guerreiro, Mara Estêvão, Marco Cadeirinhas, Marcos Cabral, Marcos Costa, Marcus Mirra, Margarida Abrantes, Margarida Almeida, Margarida Monteiro, Margarida Viegas, Maria, M^a Assunção Mexia, Maria Augusta Pereira, Maria Clara Andrade, Maria Conceição, Maria Filomena Almeida, Maria Graça Mendes, Maria Isabel Gomes, M^a João Alves, M^a João Carrega, M^a João Figueiredo, M^a João Nogueira, M^a João Nunes, M^a João Serrão, M^a José Cabral, M^a Luísa Horta, M^a Luz Figueiredo, Maria Manuel Leite, Maria Marreiros, M^a Matilde Peça, Maria Oom Martins, Maria Paula Mascarenhas, Maria Rita Fontes, Maria Rodrigues, Maria Santos, Maria Taborda, Mariana Ferreira, Mariana Laranjeiro, Mariana Malhão, Mariana São Bento, Mariana Silva, Marina Palácio, Marisa Silva, Marsha McDonald, Marta Bernardo, Marta Costa, Marta Couto, Marta Moiteiro, Marta Nunes, Marta Raposo, Marta Senesi, Mavilde Gonçalves, Mauro Cordeiro, Maurício Outeiro, Mayker Soares, Melina Sena, Miguel Bermonte, Miguel Borja, Miguel Fontes, Miguel Leal, Miguel Macedo, Miguel Marques, Miguel Mindrico, Miguel Piçarra, Miguel Roque, Miguel Salvador, Miguel Valente, Miguel Vieira, Miguel Tristany, Milene Vena, Modesto Viegas, Mónica Lima, Mónica Sofia Marques, Monika Jensen, Nadia Basos, Natividade Caria, Nélson Esteves, Neuza Dias, Nuno Coelho, Nuno Gonçalves, Nuno Neves, Nuno Noronha, Nuno Oliveira, Nuno Pires, Nuno Reis, Nuno Roxo, Nuno Trindade, Olivio Moura, Oscar Madeira, Paola Guanca, Patrícia Almeida, Patrícia Antunes, Patrícia Ferraz, Patrícia Ferreira, Patrícia Gaspar, Paula Branco, Paula Miranda, Paula MCP, Paula São José, Paulo, Paula Vazão, Paulo Almeida, Paulo Alves, Paulo Benza, Paulo Caseirito, Paulo Correia, Paulo Oliveira, Paulo Santos, Paulo Viana, Patrick Vale, Pedro, Pedro Cid, Pedro Coelho, Pedro Colaço, Pedro Conceição, Pedro Cotrim Pires, Pedro Farrôpo, Pedro Félix, Pedro Garcia, Pedro Ideias, Pedro Lopes, Pedro Martinez, Pedro Martins, Pedro Melo, Pedro Miguel Martins, Pedro Marques, Pedro Monteiro, Pedro Nabo, Pedro Oleira, Pedro Pereira, Pedro Pires, Pedro Preto, Pedro Raposo, Pedro Rocha, Pedro Rodrigues, Pedro Roleira, Pedro Roque, Pedro Silvestre, Philly Nunes, Possidónio Salvado, Pradon Élodie, P. Rosa, Rafael Ataides, Rafael Martins, Raquel Theias, Raúl Pinto, Raúl Valente, Renata Seixas, Renato Ornelas, Renato Sousa, Renato Vicentini, Ricardo, Ricardo Bentes, Ricardo Coelho, Ricardo Cruz, Ricardo Fernandes, Ricardo Freitas, Ricardo Lima, Ricardo Martins, Ricardo Ramos, Ricardo Ribeiro, Ricardo Roque, Rita Abrunhosa, Rita Almeida, Rita Búzio, Rita Carpinteiro, Rita Cotrim, Rita Cruz, Rita Firmino, Rita Morgado, Rita Oliveira, Rita Pedro, Rita Rodrigues, Rita Silva, Rodolfo Gonçalves, Rodrigo Duarte, Rodrigo Tavares, Rogério Elias, Rosa Crisanto, Rosa Maria Rocha, Rosário Santos, Rúben Fonseca, Rúben Soares, Rui Abadia, Rui Afonso, Rui Alexandre, Rui André, Rui Carvalho, Rui Elias, Rui Soares, Rute Teixeira, Sandra Borges, Sandra Cruz, Sandra Furtado, Sandra Goltevíes, Sandra Goulão, Sandra Pedro, Sara, Sara Adão, Sara Elísio, Sara Rosa, Sara Saraiva, Sebastião Borges, Sergei Titov, Sérgio Agostinho, Sérgio Lourenço, Sérgio Matos, Silva Dias, Sílvia Ferreira, Simauro Cardoso, Sofia Brito, Sofia Coutinho, Sofia Guilherme, Sofia Lourenço, Sofia Moreira, Sofia Rocha, Sofia Santiago, Sónia Albuquerque, Sónia Geta, Sónia Marques, Sónia Sousa, Susana Almeida, Susana Figueiredo, Susana Carvalho, Susana Gomes, Susana Gonçalves, Susana Pereira, Susana Quintal, Susana Silva, Tânia Mota, Teresa Palacios, Teresa Cruz, Teresa Franqueira, Tiago Corte Real, Tiago Delgado, Tiago Elias, Tiago Jesus, Tiago Martins, Tiago Monteiro, Tiago Ramalho, Tiago Sampaio, Tomás Barra, Tomás Correia, Tomás Rodrigues, Valdemiro Gomes, Vanda Aires, Vanda Teixeira, Vanessa Eterno, Vanessa Letria, Vânia Martins, Vasco Alves, Vasco Moreira, Vasco Ramos, Victor Coelho, Victor Matos, Victor Raposo, Víctor Victória, Vítor Pendão, Vítor Sousa, Vítor Viegas, William Thompson, Wilson Magalhães.